



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE BIOLOGIA**

CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM DIVERSIDADE E INCLUSÃO

JEANIE LIZA MARQUES FERRAZ DE MACEDO

**LITERATURA SURDA E LETRAMENTO VISUAL:
A CRIAÇÃO DE UMA HISTÓRIA INFANTIL E DE
MATERIAL DIDÁTICO BILÍNGUE PARA SURDOS**

Dissertação de Mestrado submetida a Universidade Federal
Fluminense visando à obtenção do grau de Mestre
em Diversidade e Inclusão

Orientador: Rosana Maria do Prado Luz Meireles



Niterói

2017

JEANIE LIZA MARQUES FERRAZ DE MACEDO

**LITERATURA SURDA E LETRAMENTO VISUAL:
A CRIAÇÃO DE UMA HISTÓRIA INFANTIL E DE
MATERIAL DIDÁTICO BILÍNGUE PARA SURDOS**

Trabalho desenvolvido no Laboratório de Antibióticos, Bioquímica, Ensino e Modelagem Molecular (LABiEMol) do Departamento de Biologia Celular e Molecular do Instituto de Biologia, Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, Universidade Federal Fluminense.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre.

Orientadoras: Rosana Maria do Prado Luz Meireles INES/DESU

JEANIE LIZA MARQUES FERRAZ MACEDO

LITERATURA SURDA E LETRAMENTO VISUAL: A CRIAÇÃO DE UMA HISTÓRIA INFANTIL E DE MATERIAL DIDÁTICO BILÍNGUE PARA SURDOS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre.

Banca Examinadora:

Rosana Maria do Prado Luz Meireles – (INES e CMPDI/UFF - Presidente)

Prof.^a Dr.^a Ana Regina e Souza Campello (INES e CMPDI/UFF)

Prof.^o Dr.^o Luiz Claudio da Costa Carvalho (INES)

Wilma Favorito (INES)

Osilene Sá Cruz - Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES e CMPDI/UFF - Revisora e suplente)

Este trabalho é dedicado
às crianças surdas que
com suas hábeis mãozinhas
produzirão as mais belas
historias infantis.
(Jeanie Liza)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, imensamente, por ter me dado força para enfrentar os obstáculos e vontade para estudar com esforço e sabedoria até a conclusão do mestrado.

Aos meus pais, Lázaro Ferraz e Marilene Marques, que são surdos, me educaram e se esforçaram muito me levando para a escola que era muito longe de nossa casa. O sacrifício e esforço deles foram exemplo para que eu valorizasse os estudos.

Às minhas amadas filhas Victoria Liza, Luanna Liza e Julie Liza, que aceitaram esperar por mim, nas horas em que desejavam brincar e eu tinha pouco tempo ou estava ocupada com os estudos do mestrado.

A Luana e Julie, agradeço por serem minhas grandes inspirações, por serem crianças surdas e, cada vez que olho para elas, tenho mais vontade de criar histórias e materiais em Língua de Sinais para que elas e tantas outras crianças surdas tenham acesso à literatura.

Principalmente, agradeço a minha filha Victoria que passou por momentos difíceis, quando eu gostaria de ter estado mais ao seu lado e ter lhe dado mais atenção. Obrigada pela compreensão e paciência. É muito bom ter você!

Ao meu grande, querido companheiro e esposo Lucio Macedo, que sempre esteve ao meu lado, me apoiando em todos os momentos. Mesmo nos momentos difíceis estivemos juntos e isso nos fortificou. Hoje, seremos mestres surdos, juntos!

Ao meu irmão Charles Lary, que sempre me incentivou a continuar os estudos até a universidade. À minha “anjinha” irmã Stefanie Fenolio, que sempre me acompanhou em minha jornada, mesmo a distancia.

Agradeço a Deus por ter uma orientadora incrível como a querida Rosana Prado, que me orientou em muitas coisas, me deu força e me incentivou a continuar estudando até o meu fim do mestrado, mesmo nos momentos mais difíceis. Obrigada pela paciência, pelo carinho e por tudo.

Ao querido Casal Etiene Abreu e Tiago Santos, obrigada por me ajudarem nas traduções e nos textos em português para Libras para que eu pudesse ter acesso às teorias que precisava estudar.

Obrigada, principalmente, à professora Cristina Delou por ter sido a grande idealizadora, fundadora e primeira coordenadora do Mestrado Profissional em Diversidade e inclusão da UFF, servindo de oportunidade para aprofundar meus estudos e vida acadêmica.

A professora Helena Castro, que sempre me incentivou para entrar no mestrado. Obrigada!

A professora Geise Moura, que tanto valorizou o meu trabalho com o público infantil surdo e me incentivou em meu tema de pesquisa desde 2007. Obrigada!

Aos meus colegas do CMPDI, pela experiência que vivemos juntos, pelos aprendizados, por dúvidas e informações compartilhadas.

Às intérpretes do CMPDI, obrigada pela convivência, pela paciência e compreensão.

À intérprete Sara Rodrigues, que fez a versão voz na contação de história e contribuiu para que as crianças ouvintes tenham acesso à cultura e às narrativas surdas.

À professora Ana Regina Campello, agradeço por me fazer refletir a respeito de “Criar é melhor do que adaptar”. Eu criei uma história e materiais para crianças surdas e foi muito melhor do que adaptar!

À professora Osilene, agradeço por, gentilmente, aceitar ser minha revisora. Mesmo com tantos compromissos não deixou de contribuir com sua leitura cuidadosa e atenciosa em meu texto.

A banca examinadora, agradeço por aceitar o convite para compartilhar conhecimentos e contribuir em minha formação. Suas orientações ficarão para sempre.

A todos os que de alguma maneira participaram desta história. Todas as experiências vividas foram muito importantes.

SUMÁRIO

	IX	
Lista de ilustrações.....	IX	X
Lista de Abreviaturas.....	XIII	XI
Resumo.....	XIV	XII
Abstract.....	XV	
1.Introdução	18	
1.1 Apresentação	18	
1.2 Revisão de literatura.....	19	
1.2.1 Aquisição de linguagem e a importância das Libras como primeira língua de crianças surdas.....	19	
1.2.2 O surdo e o aprendizado da Língua Portuguesa como L2.....	23	
1.2.3 Letramento Visual: ensino , estratégica e materiais potencializando o aprendizado de alunos surdos.....	26	
1.2.3. A literatura infantil na escola.....	31	
1.2.4. A literatura surda: importante como estímulo ao desenvolvimento da criança surda.....	36	
2. Objetivos.....	41	
2.1. Objetivo geral	41	
2.2 Objetivos específicos	39	
3. Material e métodos	42	
3.1 – 1ª etapa - Bibliografia.....	43	
3.2 - 2ª etapa – Pesquisa em sites para verificar a existência de materiais didáticos visuais e história infantil sobre o tema “borboleta surda”	44	

3.2- 3ª etapa - Criação da história “A poderosa borboleta surda”, criação de imagem e produção de vídeo em Libras (dublagem em português) e glossário em Libras/Português escrito.....	49
4. Resultados e discussões	67
5.0 Considerações finais.....	87
5.2. Perspectivas.....	90
6. Referências bibliográficas.....	92
7. Apêndices.....	98
7.1 História criada pela autora deste estudo.....	98

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –Jogo da memória com os animais.....	44
Figura 2 – Jogo da memória sobre a família.....	45
Figura 3 – Capa do livro Cinderela surda	45
Figura 4 - Capa do livro O feijãozinho surdo	46
Figura 5 – Capa do livro A cigarra surda e as formigas.....	46
Figura 6 - Capa do livro O Patinho surdo	47
Figura 7 – Capa do livro As luvas mágicas do Papai Noel.....	47
Figuras 8 - Livro Os três porquinhos com desenho das palavras em Língua de Sinais.....	48
Figura 9 - Borboleta sem pestana, mão fechada, posição do braço Errado.....	51
Figura 10 – Rascunho melhorado, ainda com pestanas pequenas e posição errada.....	51
Figura 11– Rascunho com modificações de pestanas e braço.....	51

Figura 12 - Personagem em processo de criação.....	52
Figura 13 - Desenho inicial da borboleta com pestanas Pequenas	52
Figura 14 – Foto do sinal da “borboleta surda”	53
Figura 15 – Família da borboleta surda.....	53
Figura 16 – Capa 1	54
Figura 17 – Capa 2	54
Figura 18 – Capa 3	54
Figura 19 - Autora/apresentadora fazendo o sinal de “surda”.....	56
Figura 20 - Autora/apresentadora fazendo o sinal “borboleta”	56
Figura 21 – Autora/apresentadora fazendo o sinal “poderosa”.....	56
Figura 22 – Narradora fazendo sinal “Surda”	57
Figura 23 – Narradora fazendo sinal “borboleta”.....	58

Figura 24 – Narradora fazendo sinal “lagarta”.....	58
Figura 25 – Edição de vídeo programa Final cut.....	59
Figura 26 – Narradora fazendo sinal “Poderosa”.....	59
Figura 27 – Narradora fazendo o sinal “Ler”.....	59
Figura 28 – Imagem do glossário com sinal de borboleta.....	61
Figura 29 – Imagem do glossário com sinal e escrita de borboleta.....	61
Figura 30 – Imagem do Glossário com sinal de flor.....	61
Figura 31 – Imagem do glossário com sinal de flor e escrita em português.....	61
Figura 32 – Imagem do glossário com sinal, imagem e escrita em português de coelho.....	62
Figura 33 – Imagem do livro com texto que não corresponde à figura.....	63

Figura 34 – Imagem do livro com texto e imagem Correspondentes.....	63
Figura 35 – Imagem do livro na versão final com imagens de um lado e escrita do outro lado.....	63
Figura 36 – Cartela com imagem da lagarta pai.....	64
Figura 37 – Cartela com a escrita em português/ lagarta pai.....	64
Figura 38 – Cartela com imagem de árvore.....	64
Figura 39 – Cartela com escrita em português/árvore.....	64
Figura 40 – Cartela de frase em forma alongada.....	65
Figura 41 – Cartela quadrada com imagem lagarta Triste.....	66
Figura 42 – Cartela quadrada com escrita de frase.....	66
Figura 43 – Cartela quadrada com imagem da família aprendendo Libras..	66
Figura 44 – Cartela quadrada com escrita de mais uma frase.....	66
Figura 45 - Jogo de numerais e quantidades em Libras	67
Figura 46 – Jogo da memória em Libras.....	67

Figura 47 – Exercício para crianças surdas recurso do com recurso de mãos realizado.....	68
Figura 48 – Tabela completar a análise com escritas.....	70
Figura 49 – Lagarta surda zangada por que não consegue se comunicar com a família.....	74
Figura 50 – Lagarta surda triste pensando por imagem com a família Distante.....	74
Figura 51 – família assustada procurando a lagarta surda.....	74
Figura 52 – A lagarta encantada pelas borboletas Sinalizadas.....	74
Figura 53 – A família admirada com a borboleta com caderno na mão.....	75
Figura 54– A família preocupada com o sumiço da lagarta.....	75
Figura 55– A lagarta estava triste.....	75
Figura 56 – A família tenta entender.....	77
Figura 57 – Ensinando em Libras	77
Figura 58 – A lagarta encantada com.....	77

Figura 59 – A lagarta estava encantada(com narradora).....	78
Figura 60 – Narradora fazendo o sinal família.....	80
Figura 61 – Narradora fazendo o sinal escola.....	80
Figura 62 – Imagem na capa do livro fechado.....	80
Figura 63 – Imagem na capa do livro aberto.....	80
Figura 64 – Proposta de jogo da memória com as cartelas.....	83
Figura 65 – Proposta de ditado visual feita no quadro.....	84
Figura 66 – Cartela com imagem.....	85
Figura 67 – Cartela com frase.....	85
Figura 68 – Cartela com imagem.....	85
Figura 69 – Cartela com frase.....	85
Figura 70 – Imagem com caixa aberta.....	86
Figura 71– Imagem com caixa fechada.....	86

LISTA DE ABREVIATURAS

UFF	Universidade Federal Fluminense
CMPDI	Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
APERF	Associação de Reabilitação e Pesquisa Fonoaudióloga
CES	Centro Educacional de Surdos Pilar Velásquez
APADA	Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Audição

RESUMO

Este estudo é fruto de uma pesquisa realizada no Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão/CMPDI, realizado na Universidade Federal Fluminense/UFF, tendo como objetivo principal a criação de uma história infantil e material didático bilíngue para o desenvolvimento de letramento visual em crianças surdas. Baseados na experiência da autora e em pesquisa bibliográfica sobre o tema percebeu-se a pequena existência de materiais didáticos apropriados para o letramento de surdos. Assim, iniciou-se a produção de uma história que conta o dilema de uma lagarta surda nascida em família ouvinte. Ao ter contato com a Língua de Sinais, ela se transforma em uma “Poderosa Borboleta Surda”. A pesquisa foi uma pesquisa bibliográfica com pesquisa ação. O material foi produzido em formato de livro impresso e DVD com contação em Libras e em Português, além de um glossário com vocabulário trabalhado na história. Também foram criadas cartelas com imagens, palavras e frases em português para ampliação e fixação do vocabulário trabalhado. Os objetivos específicos envolveram estudos sobre aquisição de linguagem (GOLDFELD, 2002), importância da Libras, aprendizado da Língua Portuguesa (KARNOPP e PEREIRA, 2012), Letramento Visual (LEBEDEFF, 2010);(CAMPELLO, 2008), literatura infantil (PAIVA e OLIVEIRA, 2010; CADEMARTORI, 2010 literatura surda (ROSA, 2006; MOURÃO,2011) que serviram de base teórica para a criação da história e de todo o material. Todo o desenvolvimento do trabalho se baseia em uma perspectiva de letramento visual de alunos surdos com a intenção de pesquisa e oferta de um material que possa favorecer o acesso dos surdos à educação, assim como o estímulo ao desenvolvimento cognitivo, linguístico e social da criança surda. Produto: livro de história infantil com DVD bilíngue e cartelas com imagens e escrita de vocabulário e frases para o letramento visual de crianças surdas.

Palavras-chave: material didático, educação de surdo letramento visual.

ABSTRACT

This study is the result of a research carried out at the Professional Masters Course in Diversity and Inclusion / CMPDI, held at the Universidade Federal Fluminense / UFF, with the main objective of creating a children's story and bilingual teaching material for the development of visual literacy in children deaf. Based on the author's experience and bibliographical research on the subject, we noticed the small existence of didactic materials appropriate for the deaf literacy. Thus began the production of a story that tells the dilemma of a deaf caterpillar born into a listener family. Upon contact with the Sign Language, it becomes a "Powerful Deaf Butterfly". The research was a literature search with action research. The material was produced in printed book format and DVD with counting in Pounds and in Portuguese, besides a glossary with vocabulary worked in history. Cards were also created with images, words and phrases in Portuguese for enlargement and fixation of the vocabulary worked. The specific objectives involved studies on language acquisition (GOLDFELD, 2002), importance of Libras, learning of the Portuguese language (KARNOPP and PEREIRA, 2012), Visual Letting (LEBEDEFF, 2010), CAMPELLO, 2008. The whole development of the work is based on a perspective of visual literacy of deaf students, which is based on a theoretical perspective of the deaf students (Rosa, 2006; Mouru, 2011) with the intention of researching and offering a material that can favor the access of the deaf to education, as well as the stimulus to the cognitive, linguistic and social development of the deaf child. Product: children's history book with bilingual DVD and cards with pictures and writing vocabulary and phrases for the visual literacy of deaf children.

Keywords: didactic material, deaf education, visual literacy

1. INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO

Sou professora, formada em Pedagogia em 2005. Em 2010 concluí o curso de Letras/Libras e atualmente sou professora de Libras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Sou uma pessoa surda, nascida em família de surdos. Vivi e vivo em comunidade e universo de surdos durante toda a minha vida. Casei com uma pessoa surda e sou mãe de duas meninas surdas. Tenho também uma filha ouvinte, que é a única ouvinte em uma família de surdos.

Com 21 anos de idade, em 2000, comecei minha primeira experiência na área de educação de surdos. Trabalhei em várias escolas e locais de reabilitação voltados para o atendimento a crianças surdas. Dentre eles posso citar a Associação de Reabilitação e pesquisa Fonoaudiologia/ARPEF, o Centro Educacional de Surdos Pilar Velasquez /CES, a Escola Municipal Paulo Freire, o Instituto Nacional de Educação de Surdos/INES, a Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Audição/APADA entre outras.

Durante longo tempo da minha vida, trabalhei na área Educação Infantil com crianças surdas. Em 2010, assumi o trabalho em sala de literatura da Educação Infantil no Instituto Nacional de Educação de Surdos/INES. Trabalhei com literatura infantil por um ano e durante essa experiência descobri muitas informações e necessidades dos alunos surdos. Percebi que os obstáculos para o aprendizado não eram, apenas, em Língua Portuguesa. Identifiquei que aqueles alunos apresentavam dificuldades em compreender contextos em Língua de Sinais por falta de estímulo no uso dessa língua. Assim, as crianças apresentavam dificuldades de compreensão, de interpretação e de relação com a literatura, devido à limitação no uso da Libras.

Buscando o estímulo daquelas crianças, trabalhei muito com materiais visuais criados por mim e que apresentavam figuras em sequência, representando uma história. Trabalhei muito com diversos materiais para ajudar as crianças surdas a compreender as histórias, raciocinarem, criarem hipóteses, darem opiniões e desenvolverem o pensamento criativo. O trabalho foi um

sucesso!

Por ter duas filhas surdas (quatro e um ano), também penso em materiais didáticos com frequência e observo as reações delas com esses materiais. Por ser mãe e professora de surdos, me preocupa o acesso que essas crianças têm às informações e às possibilidades de interação com o meio no qual elas vivem. Em função da minha experiência de tantos anos, percebo que existem poucos materiais visuais disponíveis no mercado, que atendam às necessidades do ensino de crianças surdas mesmo os que existem, são poucos divulgados e comercializados, tornando o acesso e o uso dificultados.

Assim, em 2015, entrei no mestrado no Curso em Diversidade e Inclusão/CMPDI da Universidade Federal Fluminense/UFF com a expectativa de pesquisar e desenvolver um material bilíngue que favorecesse o aprendizado de crianças surdas por meio da Literatura Infantil. Com essa intenção, dei início ao meu estudo com o tema **“Literatura surda e letramento visual: a criação de uma história infantil e de material didático bilíngue para surdos”**.

Espero que no futuro meus estudos e minha criação de materiais possam contribuir para melhorar a educação de surdos e ajudar os professores bilíngues com mais alternativas de materiais visuais, levando as crianças surdas a aprenderem com mais ânimo, melhor compreensão e significado.

1.2 REVISÃO DE LITERATURA

1.2.1 AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM E A IMPORTÂNCIA DA LIBRAS COMO PRIMEIRA LÍNGUA DE CRIANÇAS SURDAS.

De acordo com Vygotsky (apud GOLDFELD, 2002), a linguagem possui a importante função não só de constituir o pensamento, mas também de possibilitar a comunicação. E o processo pelo qual a criança adquire linguagem depende da relação que estabelece com o meio social. Essa afirmação é muito importante para pensar a situação de crianças surdas que, em sua maioria, crescem em famílias de ouvintes e sem acesso a uma língua natural que lhes possibilite o

desenvolvimento do pensamento, o que pode ser confirmado pela afirmação de Meireles (2014, p.123):

Normalmente, crianças surdas nascem em famílias de pessoas ouvintes onde é utilizada, apenas, a língua oral. Mesmo quando os pais utilizam algum tipo de comunicação visual, esta comunicação é formada por gestos naturais e sinais caseiros convencionados em família. Ainda que a família aprenda a língua de sinais oficial de seu país, ela não será usuária natural e não a utilizará espontaneamente e, sim, apenas como um recurso auxiliar na comunicação com seus filhos.

Se a criança surda está impossibilitada de adquirir a língua oral de forma natural e não tem contato com pessoas surdas, como desenvolverá uma língua que possa servir para desenvolver o pensamento e a comunicação? As crianças surdas crescem com poucas oportunidades de desenvolver uma língua natural e, muitas vezes, são avaliadas como se apresentassem dificuldades de aprendizagem. De acordo com Goldfeld (2002, p. 56):

Trazendo essa afirmação para a problemática do surdo, percebe-se que os problemas comunicativos e cognitivos da criança surda, não têm origem na criança e sim no meio social em que ela está inserida, que frequentemente não é adequado, ou seja, não utiliza uma língua que esta criança tenha condições de adquirir de forma espontânea, a língua de sinais.

Com base nessa afirmação, destacamos a importância das oportunidades de relacionamento com o meio social e consideramos que as dificuldades de acesso a uma língua adquirida naturalmente pode levar a criança surda a enfrentar barreiras na conceituação, generalização, abstração e interpretação das situações vividas por ela. Os danos causados pela ausência de língua são graves e, muitas vezes, irreversíveis. Muitas pessoas surdas passam longo tempo sem acesso a uma língua de sinais. Quando a adquirem em idade avançada, podem não recuperar o tempo perdido e não desenvolverem todo o seu potencial.

Ainda de acordo com Goldfeld (2002, p.58),

Em todas as situações cotidianas, o surdo que não adquire uma língua se encontra em dificuldade e não consegue perceber as relações e o contexto mais amplo da atividade em que se encontra, já que para tal seria necessário que seu pensamento fosse orientado pela linguagem. Hoje, sabe-se que estas dificuldades cognitivas são decorrentes do atraso de linguagem, mas a comunidade geral ainda não tem essa compreensão e em muitas situações ainda percebe-se o surdo sendo tratado como incapaz.

Por esses e outros motivos, as escolas precisam se organizar para possibilitar o contato dos alunos surdos com a Língua de Sinais, não só o contato, mas o uso frequente dessa língua em todos os espaços e momentos escolares. A criança surda, que nasce em família ouvinte, não tem oportunidade de aprender, naturalmente, a língua de sinais se não for possibilitada pela escola. Se a escola tem o objetivo de favorecer o desenvolvimento do pensamento de alunos surdos, se quer investir nas potencialidades desses alunos, é indispensável investir na língua de sinais.

Ao considerar a necessidade e investimento em língua de sinais, precisamos lembrar a importância em estimular a participação da família nesse processo. Assim que os pais recebem o diagnóstico da surdez de seu filho, a primeira orientação que recebem é médica, sendo que os profissionais indicam e aconselham providências clínicas como o atendimento com fonoaudiólogos e psicólogos e o uso de aparelhos de amplificação sonora ou implante coclear, ficando esquecida a questão cultural e linguística dos surdos. De acordo com Stelling, Stelling, Torres e Castro (2014, p.20):

(...) a família, comumente, recebe as primeiras orientações dos profissionais de saúde, a esses pais não é dada a oportunidade de conhecerem a surdez pelo prisma do enfoque cultural, onde a língua de sinais é adquirida de modo natural, e pode vir a solucionar o problema do bloqueio de comunicação entre pais ouvintes e filho surdo.

Se os pais não forem orientados no que se refere à importância da aquisição de Libras para o desenvolvimento de seu filho surdo, não terá como participar ativamente desse processo. Como a criança passa mais tempo com a família do que com a escola, precisa ser estimulada em Libras pelos familiares. Para que esse processo seja bem sucedido, os pais precisam aprender Libras assim que descobrem a surdez de seu filho e usar a língua com ele em todos os momentos. Stelling, Stelling, Torres e Castro (2014, p.20) ainda afirmam:

No enfoque cultural e na alternativa educacional de educação bilíngue, onde a criança surda adquire Libras com seus pares surdos e aprende a Língua portuguesa escrita, os pais devem aprender a língua de sinais o mais precocemente possível.

No entanto, um grande problema apontado por esses autores é o fato de que o aprendizado da língua de sinais é difícil e longo para essas famílias, o que as leva a se sentirem desestimuladas e desistirem.

A família que não utiliza a língua de sinais com seu filho surdo pode causar sérios problemas no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças surdas pelo fato de ficarem privadas de uma língua acessível pela qual possam processar o pensamento e estabelecer relação com o mundo.

Goldfeld (2002), com base em leituras de Vygotsky, afirma que a linguagem, além de ter a função comunicativa, tem também a função de organizar e planejar o pensamento. Assim, a criança surda que não tem acesso à língua de sinais desde cedo passa por atraso de linguagem e fica com prejuízo no seu desenvolvimento.

De acordo com Goldfeld (2002, p.60),

A aquisição de linguagem provoca um padrão de desenvolvimento cognitivo da criança. As funções mentais inferiores, tal como a percepção natural, atenção involuntária e memória natural, com a mediação da linguagem transformam-se em percepção mediada, atenção voluntária e memória mediada, entre outros. Enfim, toda a cognição passa a ser mediada pela linguagem, e sendo esta influenciada e moldada pelas características socioeconômicas e culturais, conclui-se que todos esses aspectos influenciam no desenvolvimento cognitivo.

Sendo assim, podemos afirmar que as crianças surdas, mesmo que não tenham contato com a língua de sinais, poderão desenvolver alguma forma simples de linguagem, mas a desvantagem é que não terão acesso à língua estruturada, à quantidade e à qualidade de informações que a maioria das crianças usuárias de Libras têm. Assim, crescerão com possibilidades limitadas de comunicação e em desvantagem, se comparadas às crianças ouvintes.

Para Goldfeld (2002), a aprendizagem está ligada à construção de conceitos e o pensamento conceitual não é inato, ou seja, não nasce com a criança. Ela precisa viver várias experiências para adquirir conceitos e isso vai depender das relações que estabelece com o mundo a sua volta. A autora (p. 72), referindo-se aos estudos de Vygotsky afirma:

O aprendizado de um determinado conteúdo só irá impulsionar e direcionar o desenvolvimento das funções mentais que tenham elementos comuns ao conteúdo aprendido. (...) A aprendizagem cria uma Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). ZDP é a diferença entre o nível de desenvolvimento potencial e o nível de desenvolvimento real. (...) O nível de desenvolvimento potencial é determinado por meio da capacidade de a criança solucionar problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

Ao considerarmos os estudos de Vygotsky citados por Goldfeld (2002), pensamos sobre as dificuldades que a criança surda encontra para aprender,

uma vez que sem língua fica impedida de se relacionar com colegas ou com adultos que a possam orientar ou servir de modelo. Assim, a criança surda não desenvolve todo o seu potencial por ausência de uma língua natural com a qual ela possa se comunicar. Portanto, podemos entender que o maior problema dos surdos é uma questão sociocultural e não propriamente ligada a uma questão sensorial.

Nesse sentido, a criação de um material didático em Libras e em Língua Portuguesa pode servir como estímulo ao pensamento de crianças surdas e como veículo para apreensão de conceitos sociais e de desenvolvimento de interação com o meio em que ela vive.

1.2.2 O SURDO E O APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2

Considerando as reflexões apresentadas no item anterior e certo de que a Língua de Sinais deve ser a primeira língua (L1) da criança surda, não se pode deixar de considerar a importância da Língua Portuguesa escrita como a segunda língua (L2) de um surdo brasileiro.

De acordo com Karnopp e Pereira (2012), a questão do letramento de alunos surdos vem despertando o interesse e a preocupação de profissionais e pesquisadores da área da surdez. Essa preocupação acontece porque a maioria dos surdos apresenta grande dificuldade para entender o que lê e se expressar claramente na escrita. Os surdos conseguem desenvolver a habilidade da decodificação, mas não conseguem entender e interpretar o que estão lendo. De acordo com Karnopp e Pereira (2012, p.126):

Essa dificuldade pode ser atribuída não só as concepções de leitura e de escrita que embasam as práticas pedagógicas utilizadas na escola, mas também ao pouco conhecimento do português que a quase totalidade dos surdos apresenta quando chega à escola.

E se observarmos com mais atenção, poderíamos dizer que o pouco conhecimento do português se apresenta não só quando os surdos chegam à escola, mas também durante todo o tempo em que se encontram na instituição. Isso acontece porque a grande maioria dos professores não domina a língua de sinais e não conhece metodologias apropriadas e eficientes para o ensino de

português para alunos surdos.

Além dessa situação relevante, é preciso considerar que os alunos surdos, em sua grande maioria, chegam à escola sem o domínio de uma primeira língua e começam o seu processo de aprendizagem do português sem dominar, com segurança, a língua de sinais. Portanto, se a escola não propiciar um ambiente bilíngue acessível e confortável para a criança surda, dificilmente terá êxito no letramento desses alunos. E quando falamos em letramento, estamos considerando a necessidade de decodificar palavras e, também, de utilizar a leitura e escrita em práticas sociais significativas para o seu dia-a-dia.

Sendo assim, destacamos a necessidade de aquisição das Libras para que a criança surda aprenda o português. Por meio das Libras, a criança surda poderá entender o mundo e se comunicar com as pessoas. Essa interação com o social lhe trará conhecimentos que vão ajudar a entender o que lê, conforme previsto por Karnopp e Pereira (2012, p. 128),

Adquirida a língua de sinais ela terá papel fundamental na aquisição da leitura e da escrita. É ela que vai possibilitar, em um primeiro momento, a constituição de conhecimento de mundo, tornando possível aos alunos surdos entenderem o significado do que leem, deixando de ser meros decodificadores da escrita. Por sua vez, a língua escrita por ser totalmente acessível à visão, é considerada fonte necessária a partir da qual o surdo possa construir suas habilidades de língua.

Por isso, a língua de sinais vai ter para os surdos a mesma função que as línguas orais têm para os ouvintes, uma vez que as línguas naturais permitem o desenvolvimento do pensamento e a relação com o meio social. Quanto mais a criança vive experiências com o meio, mais ela terá possibilidades de entender e se relacionar com a leitura e a escrita. De acordo com Quadros (2008, p. 34),

O fato de passar a ter contato com a língua portuguesa com significado, trazendo seus conceitos adquiridos na própria língua, possibilitará um processo muito mais significativo. A leitura e a escrita podem passar a ter outro significado social, se a criança sinalizar sobre elas. Vale ainda destacar que, no campo do letramento, se as crianças surdas se apropriarem da leitura e da escrita de sinais, isso potencializará a aquisição da leitura e da escrita do português.

Em função dessa realidade, faz-se necessário considerar a urgência de que as escolas propiciem um ambiente bilíngue em que os alunos surdos possam utilizar a língua de sinais livremente para se expressar, pois “As crianças adquirem o domínio da língua escrita somente se se encontram em um entorno de leitura, assim como somente adquirem o domínio da língua primeira se se

encontram em um entorno linguístico”. De acordo com Sanches referenciado por Giordani (2012, p. 141):

E o que pode ser considerado um “entorno linguístico” para os surdos? Isso só pode ser pensado a partir do uso de uma língua natural e a língua que os surdos brasileiros podem aprender, naturalmente, é a Libras. No entanto, não basta um simples uso da língua de sinais. Um “entorno linguístico” pressupõe todo um envolvimento, em todos os momentos, em diversas situações cotidianas, em que todas as relações e mediações aconteçam de maneira visual. O surdo precisa de um ambiente que lhe possibilite compreender e ser compreendido de maneira visual, o tempo todo.

Com relação ao aprendizado da leitura e escrita de surdos, Gesueli (2015, p. 40) afirma:

No caso da criança surda, o trabalho com a escrita será fundamentado no uso da língua de sinais – língua essencialmente visual – cabendo ao professor incentivar o contato com materiais escritos para que ela venha sentir necessidade do ler e do escrever.

Esse pensamento nos mostra que a criança surda não apresenta, necessariamente, dificuldades para o aprendizado da leitura e escrita do português. O grande problema está na maneira como o português é ensinado para surdos. Ainda de acordo com Gesueli (, 2015, p. 41):

A questão que se coloca em relação à aquisição do português escrito pelo surdo está centrada na ênfase dada pela cultura majoritária (ouvinte) ainda sobre a relação oralidade/escrita, consolidada no grafo centrismo que favorece uma leitura através das lentes de uma cultura letrada. No campo da surdez destacamos a necessidade de um distanciamento da oralidade, o que não significa substituí-la pelo uso efetivo da língua de sinais como seu pré-requisito, pois não é a relação fonema/grafema que está em jogo, mas a compreensão do que se faz com a escrita – dada pelo exercício da língua (gem).

Esse problema se agrava no ensino de língua portuguesa para surdos porque, além da valorização de uma cultura centrada na cultura ouvinte, os profissionais não conhecem, não utilizam a língua de sinais com seus alunos e também não dominam metodologias visuais de ensino de segunda língua para surdos. Enquanto a língua de sinais não for considerada a primeira língua de alunos surdos e o ensino não acontecer essencialmente de maneira visual, os surdos continuarão enfrentando sérias barreiras em seu aprendizado.

1.2.3 LETRAMENTO VISUAL: ENSINO, ESTRATÉGIAS E MATERIAIS POTENCIALIZANDO O APRENDIZADO DE ALUNOS SURDOS.

Para pensar sobre letramento visual, inicialmente, nos propomos a entender o conceito de letramento para depois relacioná-lo com a questão visual tão necessária ao aprendizado de alunos surdos. De acordo com Soares (2016), a palavra letramento foi introduzida muito recentemente na língua portuguesa e sua definição está relacionada à palavra inglesa *literacy* que significa “condição de ser letrado”. Em inglês, *literate* é o adjetivo que caracteriza a pessoa que tem habilidade de leitura e escrita e *literacy* é o estado ou condição daquele que é *literate*. Sendo assim, Soares (2016) aproveita para fazer uma distinção entre ser alfabetizado e ser letrado. Para ela, alfabetizado é aquele que se apropriou da tecnologia de ler e escrever, portanto consegue codificar e decodificar as palavras. O letrado, por sua vez, é aquele que se apropriou da escrita e a utiliza em seu cotidiano com propriedade. A pessoa considerada letrada é aquela que se insere em práticas sociais de leitura e escrita. Sendo assim, Soares (2016, p.72) nos provoca a pensar sobre letramento no que se refere à sua função social e, para tal, afirma:

Aqueles que priorizam, no fenômeno letramento, a sua dimensão social, argumentam que ele não é um atributo unicamente ou essencialmente pessoal, mas é, sobretudo, uma prática social: letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social.

Assim, o letramento se relaciona com o uso da habilidade de leitura e escrita para atender às exigências de participação na sociedade. Mas esse uso social da leitura e escrito não é desprovido de interesses e sentidos. Ele não é um instrumento neutro usado em práticas sociais, mas sim.

“um conjunto de práticas socialmente construídas que envolvem a leitura e a escrita, geradas por processos sociais mais amplos, e responsáveis por reforçar ou questionar valores, tradições e formas de distribuição de poder presentes nos contextos sociais”. (SOARES,2016,p.73)

Nessa perspectiva, refletimos sobre o letramento para alunos surdos. Com que sentido tem sido trabalhado a leitura e escrita de alunos surdos em contexto escolar, considerando que a escrita deve ser ensinada em segunda língua? De que maneira esses alunos acessam as práticas sociais a partir da leitura e escrita?

Pelo fato de não ouvir, o surdo entende o mundo e se relaciona com ele pela visão. Sendo assim, para o aprendizado da leitura e da escrita, faz-se necessário considerar o aspecto visual desse processo. Se o aluno surdo não escuta, não poderá aprender a ler e escrever por meio da relação fonema/grafema. Esse processo só acontecerá por meio de experiências visuais. Sendo assim, precisamos fazer uma reflexão sobre a concepção de texto e no entendimento do texto separado da oralidade.

A concepção de que a surdez é uma experiência visual nos leva a acreditar na importância de que, para o surdo, todas as relações com o meio se estabeleçam de maneira visual. Nessa direção, poderemos afirmar que o letramento de alunos surdos deva acontecer de maneira visual, o que é confirmado por Lebedeff (2010) ao afirmar que

Letramento visual é compreendido por Oliveira (2006) como a área de estudo que lida com o que pode ser visto e como se pode interpretar o que é visto. Segundo a autora, o letramento visual é abordado a partir de várias disciplinas que buscam estudar os processos físicos envolvidos na percepção visual; usar a tecnologia para representar a imagem visual; desenvolver estratégias para interpretar e entender o que é visto. Nesse sentido, letramento visual para os surdos precisa ser compreendido, também, a partir de práticas sociais e culturais de leitura e compreensão de imagens. Por exemplo, não basta ser surdo para “ler” uma imagem, assim como não basta ser ouvinte para apreciar um sarau de poesias.

Nessa perspectiva, destacamos a importância do uso de imagens no aprendizado de todos os conteúdos, assim como no desenvolvimento de leitura e escrita de alunos surdos. Entretanto, não basta o uso de imagens, pois devem ser usadas em um contexto bilíngue em que as informações sejam mediadas por uma comunicação acessível para alunos surdos. Confirmando tal consideração, Gesueli (2015, p.47) destaca sobre “(...) a necessidade de repensar as concepções tradicionais do ensino do português escrito para surdos, enfatizando a importância do aspecto visual da leitura-escrita como um fator constitutivo desse processo”.

A partir desse entendimento, aprendizado da leitura e escrita do português para surdos deverá ser mediado por experiências com significado, o que pode ser concretizado pelo uso de linguagem visual, de comunicação visual, de recursos visuais e de metodologia visual. Essas características poderão garantir um ambiente bilíngue de aprendizagem para os alunos surdos.

Por meio de um ambiente bilíngue e visual de aprendizagem é que pensamos ser possível considerar o letramento de alunos surdos, remetendo-nos à definição de Soares (2016), ao considerar que o sujeito letrado é capaz de se relacionar com leitura e escrita de maneira significativa em suas experiências sociais.

Para letrar um aluno surdo, as escolas e os professores devem se desprender dos moldes de ensino tradicional e refletir sobre a aprendizagem significativa. Alguns materiais muito utilizados em escolas com crianças ouvintes não servem para o trabalho com alunos surdos por não serem acessíveis. Por exemplo, o uso de música que serve como referência e como estímulo para determinadas atividades realizadas por ouvintes não estimulará alunos surdos, para os quais os estímulos precisam ser visuais.

A qualidade e a quantidade de recursos visuais também devem ser consideradas no letramento de surdos. Muitas imagens são um importante recuso didático, mas, se forem apresentadas de maneira errada, podem causar poluição visual e atrapalhar o aprendizado da criança surda. O professor que trabalha com letramento visual deve saber como e em que medida usar os materiais visuais. Esses materiais devem ajudar e não atrapalhar o aprendizado dos surdos. Se o professor apresentar muitas imagens de uma única vez, poderá tirar a atenção dos alunos porque eles vão querer olhar todas ao mesmo tempo. Se usar as imagens certas e nos locais certos, ele terá mais chance de estimular atenção dos alunos e favorecer o aprendizado.

Portanto, quando falamos em letramento visual, não estamos pensando unicamente no uso de imagens ou só no uso da Libras, mas, em um conjunto de procedimentos e concepções importantes para o aprendizado de alunos surdos de maneira que tenham um aprendizado socialmente autônomo. De acordo com Campello (2008, p. 136),

As técnicas, recursos e perspectivas utilizados nos aspectos da visualidade na educação de Surdos, estão relacionados com o uso da “visão”, em vez da “audição”, sendo que a imagem na “apreensão do estímulo visual” e perspectiva emergem de acordo com forças bidimensionais e tridimensionais. Esses processos exigem uma nova forma de pensar o nível perceptivo e o processamento visual daquilo que rodeia o sujeito Surdo e qual seu olhar sobre o mundo no processo de ensinar e aprender.

Assim, a visualidade ganha centralidade na educação de surdos e vai além de usar a Libras ou contar com recursos de imagens. Faz-se necessário trabalhar com uma lógica visual do ensino e do aprendizado. É preciso saber a maneira como o surdo organiza o seu pensamento, manter contato visual, oportunizar ao surdo participação visual nos discursos e no cotidiano escolar, colocando-se visualmente. Assim prevê Campello (2008, p. 136):

A técnica dos aspectos da visualidade na educação de Surdos exige, sobretudo, o uso da imagem, captando em todas as suas essências que nos rodeiam, traduzindo todas as formas de interpretações e do seu modo de ver, de forma subjetiva e objetiva. Não é, simplesmente, usar a língua de sinais brasileira, como uma língua simples, mecanizada, e sim, muito mais. Exige perceber todos os elementos que rodeiam os sujeitos Surdos enquanto signos.

Concordamos com Campello e destacamos ainda a dificuldade que os professores apresentam em preparar aulas, materiais e estratégias para alunos surdos. Isso ocorre, muitas vezes, pelo desconhecimento da língua de sinais. Por isso, não podemos esquecer a importância da experiência docente com a didática visual acessível para o ensino a surdos. Tornar-se um professor bilíngue exige conhecimento do pensamento surdo¹ e o exercício constante para organizar as aulas de maneira que os alunos surdos possam compreender.

Com isso, podemos dizer que materiais visuais podem auxiliar nas aulas a alunos surdos, entretanto, a questão está na maneira como esse material é utilizado. Podemos citar como exemplos interessantes os seguintes materiais visuais: maquetes, mapas conceituais, banners, computador e Datashow, livros e cadernos com imagens, jogos de emparelhamento com imagens, jogos com imagens de tamanhos, formas, cores, números, letras, corpo humano, caixa com figuras contendo vocabulário trabalhado, revistas em quadrinhos, figuras com notícias de jornais e revistas, propagandas de televisão, rótulos de produtos, entre tantos outros. Mas, nada disso adiantará se o professor não conhecer

¹ Neste estudo, entendemos pensamento surdo como pensamento visual por meio de signos e significantes visuais.

estratégias para ensinar surdos.

Outro fator importante é a presença de professores surdos. O profissional surdo é um usuário natural da língua de sinais e pensa em Libras. Por isso, organiza o seu pensamento e compreende os alunos surdos dentro de uma lógica viso-espacial. Mas, também é importante que esse professor surdo conheça estratégias visuais adequadas e tenha formação para ensinar os alunos surdos não se trata aqui dizer que professores ouvintes não possam dar aula para surdos. A realidade nos mostra que os professores precisam conviver com surdos adultos, adquirir e manter o uso da língua de sinais e a intimidade com o pensamento surdo. Se o professor for surdo, usuário de língua de sinais, a comunicação acontecerá plenamente e as estratégias serão pensadas visualmente. Se o professor for ouvinte bilíngue, precisará manter contato frequente com profissionais surdos adultos para manutenção da língua de sinais. Como acontece com qualquer segunda língua, se não for praticada perde a fluência. E quando um professor ouvinte perde a fluência na Libras, quem fica prejudicado é o aluno surdo.

A partir dessas reflexões, nos colocamos provocados a pensar na importância do letramento de alunos surdos. Mais complexa se torna a questão quando consideramos que esses alunos não escreverão em sua primeira língua que é a língua de sinais. A leitura e escrita acontecerão em segunda língua, ou seja, em português. Então, faz-se necessário adquirir a primeira língua (Libras) e, por meio dela, o aluno poderá se inserir em práticas sociais significativas que possam ser representadas em segunda língua (português) de maneira escrita. Esse processo não é simples e imediato. Existe a necessidade de um trabalho específico que privilegie o potencial visual dos alunos surdos, além do respeito a sua primeira língua. Portanto, todas as abordagens direcionadas a alunos surdos deverão ser pensadas de maneira visual e considerando estratégias visuais e que utilizem a língua de sinais e a língua portuguesa visando aprendizagem dos alunos.

Diante da necessidade dos alunos surdos com relação às aulas, estratégias e aos materiais visuais para apreensão dos conteúdos escolares, de acordo com pesquisa realizada neste estudo e registrada no item “resultados e discussão”, verificou-se a carência de materiais visuais e em Libras para o trabalho com alunos surdos.

É certo que qualquer material visual pode ser aproveitado, mas, a maioria dos materiais é produzida para alunos ouvintes e os professores de surdos “aproveitam” os que são possíveis para ensinar aos alunos surdos. No entanto, não verificamos no mercado comercial disponibilidade de materiais em vídeo que utilizem a Libras e recursos visuais, pois os livros não são produzidos na lógica do pensamento surdo, os brinquedos não contêm informações visuais suficientes, os programas de televisão não incluem a língua de sinais, entre outros agravantes.

Enfim, comprovada a carência de materiais pedagógicos visuais, este estudo vem propor o desenvolvimento de um material visual para o letramento de alunos surdos, composto por uma série de recursos imagéticos que contemplam a língua de sinais e as necessidades visuais dos alunos surdos. O material proposto parte de uma história com protagonista surda. A ideia da proposta de um material com história criada e narrada por uma autora surda e sobre uma protagonista surda representa mais uma maneira de afirmação da língua e da cultura da comunidade surda podendo constituir mais uma contribuição para a literatura surda.

A literatura surda é mais um elemento representativo da cultura surda, muito importante para o conhecimento e desenvolvimento de alunos surdos. Como o nosso material envolve a criação de uma história infantil, a seguir, faremos uma reflexão sobre literatura infantil na escola e, posteriormente, nos dedicaremos às questões relacionadas à literatura surda.

1.2.3 A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

Antes de refletirmos sobre literatura infantil, faz-se necessário apresentar um conceito e um posicionamento a respeito do tema, a partir da afirmação de Cademartori (2010, p. 16)

A literatura infantil se caracteriza pela forma de endereçamento dos textos ao leitor. A idade deles, em diferentes faixas etárias é levada em conta. Os elementos que compõem uma obra do gênero devem estar de acordo com a competência de leitura que o leitor previsto já alcançou. Assim, o autor escolhe uma forma de comunicação que prevê a faixa etária do possível leitor, atendendo seus interesses e respeitando suas potencialidades. A estrutura e o estilo das linguagens verbais e visuais procuram adequar-se às experiências das crianças. Os temas são selecionados de modo a atender às expectativas dos pequenos ao mesmo tempo em que o foco narrativo deve permitir a superação delas.

Compreendemos que a literatura infantil foi idealizada para a criança, com intenção de estimular o pensamento infantil. Para conseguir acessar esse pensamento, é importante que as informações estejam adequadas à idade e ao potencial das crianças. De acordo com Paiva e Oliveira (2010, p.24),

A literatura infantil é arte. E como arte deve ser apreciada e corresponder plenamente à intimidade da criança. A criança tem um apetite voraz pelo belo e encontra na literatura infantil o alimento adequado para os anseios da psique infantil. Alimento, esse, que traduz os movimentos interiores e sacia os próprios interesses da criança.

Na busca por saciar os interesses da criança, a literatura infantil tem a possibilidade de despertar diferentes emoções e ampliar as visões de mundo desse público leitor e

“nesse encontro com a fantasia, a criança entra em contato com seu mundo interior, dialoga com seus sentimentos mais secretos, confronta seus medos e desejos escondidos, supera seus conflitos e alcança o equilíbrio necessário para seu crescimento”. (PAIVA E OLIVEIRA, 2010, p.26).

Assim, podemos considerar que, por meio das leituras infantis, a criança tem possibilidade de refletir sobre o outro, sobre si mesma e sobre o mundo do qual é constituinte.

Nas relações estabelecidas entre fadas e bruxas, princesas e vilões, mocinhos e bandidos, monstros, feiticeiras, seres mágicos, entre outros, a criança elabora situações de medo, coragem, suspense, batalhas, perdas, vitórias, além de outros sentimentos e atitudes necessários à sobrevivência em sociedade. Podemos entender, portanto, que as histórias infantis possibilitam às crianças ensaiarem os sentimentos e as reações para a vida adulta. Essas possibilidades devem ser percebidas pela escola e amplamente utilizadas como maneira de acessar o universo infantil, possibilitando a formação das crianças.

A literatura infantil tem representado importante papel na educação e os livros infantis são muito utilizados como recurso didático para o estímulo à leitura e escrita, além do trabalho com valores, conceitos, atitudes, comportamentos entre outros conteúdos. A grande questão é refletir sobre a maneira como as histórias infantis têm sido usadas nas salas de aulas e o impacto que isso tem causado no desenvolvimento das crianças.

Na escola, essa relação sempre esteve atrelada à funcionalidade da leitura. Ou seja, na maioria das vezes, a leitura é indicada como obrigatória e trabalhada como estratégia para o ensino de regras gramaticais, conteúdos específicos ou como recurso de avaliação. Essa abordagem pode formar na criança uma relação cansativa e, por consequência, indesejável com a leitura. Franz (2011, p. 53-60) destaca características que podem tornar as leituras desagradáveis para as crianças:

- a) Didatismo e pedagogismo: a leitura tem sido utilizada apenas como fins didático-pedagógicos;
- b) Moralismo: os livros infantis estão repletos de histórias que almejam unicamente a transmissão de normas de comportamento que levem a criança a ser da maneira como os adultos desejam.
- c) Adulto centrismo e paternalismo: o mundo adulto com todos os seus preconceitos e valores sobrepõem-se aos valores do mundo infantil, sufocando-os.
- d) Visão fechada de mundo: alguns autores apresentam a seus leitores infantis um mundo pronto, acabado, de valores absolutos e inquestionáveis.
- e) Infantilismo: há textos que parecem se destinar a um leitor que só entende a linguagem do “inho” e da “inha”, subestimando a criança, entendendo o ser infantil como um ser menor, inferior, ao qual se deve oferecer uma literatura igualmente inferior e de menor qualidade.

A boa leitura é aquela que provoca, estimula, envolve e faz pensar sem planejar o pensamento. Quando se percebe, a criança já está interagindo, sendo provocada e atraída para um universo de sensações. Por isso, Paiva e Oliveira (2010, p.27) afirmam

O livro infantil só será considerado literatura infantil legítima mediante a aprovação natural da criança. Para isso o livro precisa atender as necessidades da criança, que seriam: povoar a imaginação, estimular a curiosidade, divertir e por último, sem imposições, educar e instruir.

Vale ressaltar que a boa literatura infantil é aquela que, utilizando uma metáfora, leva a criança a mergulhar, nadar, enfrentar os perigos e fascínios do mar e descobrir novos horizontes. No entanto, o excesso de didática, de lições de moral e de regras relacionados à leitura infantil na escola tem acabado com o potencial imaginário e criativo das crianças, fazendo com que antecipem o pensamento adulto e vivam, cada vez menos, suas fantasias. Isso resulta crianças que se tornam adultas mais rapidamente, com menos capacidade de sonhar, de imaginar e de elaborar seus sentimentos diante do mundo. Sobre a necessidade da leitura prazerosa, Cademartori (2010, p. 33) contribui, afirmando:

Alguma forma de surpresa, renovação, alteração do olhar um livro deve trazer. Sabemos o quanto os pequenos gostam de rejeitar as normas mantendo-se, no entanto, perfeitamente conscientes delas. O prazer reside exatamente em saber quais são as regras e subverte-las. As variadas formas de subversão da realidade, que livros para crianças costumam fazer, não anulam, é claro, o que é real, apenas, jogam com ele deixando-o em suspensão no espaço e tempo da leitura. A ideia de ordem estrita de fatos e fenômenos, sem formas de extensão ou analogia é insuportável para as crianças. Por isso, a ficção e a poesia são formas viáveis – e prazerosas – de lidar com as diferentes faces do real.

Assim, por meio de leituras ricas e instigantes, as crianças ensaiam para a vida adulta e lidam com a realidade concreta por meio do que foi simbolicamente idealizado, permitindo-se ousar, imaginar e lidar com as regras de maneira lúdica e prazerosa. Esses ensaios permitem a formação de conceitos e elaboração do pensamento para que possam lidar de maneira mais amadurecida em situações futuras. Não se pode deixar de lado, entretanto, a necessidade de refletir sobre a maneira como os livros vêm sendo utilizados e os critérios de escolha dessas leituras nas escolas.

Muitas vezes, as histórias são indicadas ou utilizadas em ambiente escolar sob forte influência da mídia ou do mercado editorial. Campanhas governamentais tendem a adotar livros com base em escolhas mercadológicas e a seleção e aquisição de livros nas escolas públicas fica, muitas vezes, atrelada aos interesses que o governo tem sobre o que as crianças devem ler. Essas escolhas do governo estão atreladas aos interesses do sistema capitalista, seja por questões ideológicas ou financeiras. Diante dessa realidade, restam-nos algumas questões: Que leituras contribuem de fato para a formação dos alunos? Que leitura trará elementos significativos para um ou outro tipo de aluno? A globalização tende a homogeneizar todos em um único padrão de criança? E o padrão é sempre aquele que atende aos interesses do sistema capitalista.

Escolher um livro não deve ser uma ação simples e sem critérios, dada a responsabilidade com a formação das crianças. De acordo com Cademartori (2010), a seleção deve começar pelo projeto gráfico que precisa atender as potencialidades de cada público-alvo. O tamanho do livro e das letras deve ser observado, assim como a qualidade e funcionalidade das imagens, tendo em vista a potencialidade de atrair o

interesse do leitor. Os elementos da narrativa como personagens, trama, tempo e espaço precisam ser capazes de estimular o interesse, além de trazer informações e provocações novas.

Se toda literatura está carregada de representações do mundo, faz parte do critério de seleção de uma obra observar se a representação de mundo contida nela possibilita ao leitor antecipar possibilidades existenciais que ainda não foram experimentadas pela criança. Ainda de acordo com Cademartori (2010), podemos afirmar que as crianças não se interessam por leituras que não lhes surpreendem com algo que ela ainda não tenha pensado. No entanto, precisamos lembrar que, na maioria das vezes, não são as crianças que escolhem as suas leituras. Normalmente, são intermediadas pela escolha e indicação dos adultos e o uso da literatura infantil tende a ficar restrito aos critérios de aprendizado e avaliação, sendo-lhes enfraquecidas as intenções de imaginação, ludicidade e prazer, tão necessários à elaboração do pensamento.

Assim, pensamos na responsabilidade do professor ao fazer escolhas para leitura de seus alunos e, mais ainda, nos preocupa quando esses alunos são surdos e têm o português como segunda língua. Nesse caso, o acesso aos textos escritos deverá ser permeado de sentidos e artefatos visuais. A compreensão da história deverá acontecer, primordialmente, por meio da língua de sinais, enriquecida por recursos de imagens e abordagens significativas para o universo da criança surda, de maneira que a leitura possa adquirir todas as funções descritas anteriormente como estimuladoras do potencial de imaginação e elaboração do pensamento.

Diante da necessidade de literatura infantil para crianças surdas, fomos levados a refletir sobre a literatura surda e sua importância no desenvolvimento dos alunos surdos como veremos a seguir.

1.2.4 - LITERATURA SURDA: IMPORTANTE COMO ESTÍMULO AO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS SURDAS

Assim como as tradições orais estiveram presentes na formação das culturas e no início das narrativas literárias das comunidades ouvintes, as pessoas pertencentes às comunidades de surdos também se valeram, durante anos, da possibilidade de transmitir, por meio da língua de sinais as informações, histórias, piadas e outros aspectos da cultura dessa comunidade por meio da “Sinalidade”, termo utilizado para identificar “a produção linguística sinalizada das comunidades surdas, em substituição ao termo oralidade” (Mourão, 2011, p.19). É possível perceber, ainda hoje, a repetição de narrativas que foram transmitidas por surdos adultos a seus filhos, que rememoram um período em que não havia registros dessa sinalidade e, embora não sejam histórias internas das famílias, exercem um papel importante na educação familiar.

A sinalidade acerca da comunidade surda, as suas narrativas e a de seus membros ocorrem há séculos e são importantíssimas para que as novas gerações e grupos de surdos possam identificar, por meio da representação cultural, como são mostradas e/ou contadas pelas pessoas surdas. Fato significativo foi apresentado por Mourão (2011) na identificação de surdos estrangeiros ao se depararem com essas narrativas na comunidade surda americana, passando a se interessar pela recuperação das narrativas de seus pais e da sua língua de sinais.

Uma vez considerando o potencial da transmissão de ideias e narrativas de geração para geração por meio de uma língua, vamos considerar a definição de cultura surda dada por Karnopp (1989, p.102 apud STROBEL, 2009, p.61) ao afirmar:

“Literatura surda é uma literatura que respeita a cultura surda e suas identidades, é feita pelo surdo, com histórias de surdos e voltada para o público surdo. Faz-se necessário viabilizar uma produção em forma de imagens para criar condições que atendam a característica visuo-espacial do surdo”.

Pensando nessa produção feita de surdo para surdo, com respeito à cultura surda, e, tendo em vista o uso de recursos visuais acessíveis e

confortáveis para as pessoas surdas, Karnopp (2006 apud RIBEIRO E PEREIRA, 2015) afirma que a literatura surda tem sido produzida segundo três grandes linhas de força: tradução, adaptação e criação.

Podemos considerar tradução quando uma história, narrativa ou qualquer texto literário é reproduzido integralmente em outra língua para que as pessoas surdas tenham acesso às literaturas em geral. Para que essa tradução atenda às necessidades das pessoas surdas, precisa passar por um trabalho realizado em conjunto com profissionais surdos, que, ao interpretarem seus conteúdos, poderão empreender o seu próprio conhecimento da realidade, de suas vivências surdas. Assim, a mensagem terá passado pelo entendimento e interpretação de uma pessoa surda e os resultados dessa interpretação, com certeza, apresentarão as formas surdas de ver o mundo.

Para compreensão dos casos de adaptações, Mourão (2011, p.53) traz alguns exemplos de trabalhos publicados na língua de sinais e disponíveis em DVD como “A cinderela surda, Patinho surdo, a Rapunzel surda, Adão e Eva”, que podem ser consideradas adaptações da cultura ouvinte trazidas para a cultura surda. Essas histórias são narrativas passadas de geração para geração nas culturas de pessoas ouvintes. Autores surdos selecionaram essas histórias e fizeram adaptações, transformando alguns personagens em surdos os surdos de maneira a possibilitar uma identificação das crianças surdas com essas narrativas. Isso não quer dizer que as crianças surdas não devam ter acesso às histórias em que os personagens são ouvintes. Mas significa que podem ter acesso a essas mesmas narrativas com a possibilidade de viver a fantasia a partir da possibilidade surda, o que é importante para a criança surda. Vejamos: Em um mundo em que a realidade é ouvinte e as fantasias também são ouvintes, como ficam as possibilidades de sonhos e subjetividades surdas?

A terceira grande linha de produção da cultura surda é constituída pelas criações. Essa literatura se caracteriza pela criação por surdos, com temas que envolvem as questões do povo surdo e os personagens e as causas principais fazem parte da realidade das pessoas surdas. Ou seja, normalmente, as criações literárias surdas são compostas por histórias inéditas, produzidas de surdos para surdos e com a temática da surdez como eixo principal.

A literatura surda apresenta toda uma lógica que valoriza a visibilidade do povo surdo, considerando-se seus valores e hábitos e representa importante veículo para a divulgação da língua e dos saberes surdos. Esse tipo de literatura também pode ser consumida e utilizada por crianças ouvintes, inclusive, como uma maneira de divulgar a cultura surda. No entanto, ao criar uma história da literatura surda tem-se o objetivo de pensar em uma narrativa que vá atender aos anseios e a subjetivação de crianças surdas.

Assim, destacamos a importância do uso das Libras por pessoas surdas e da presença dessa língua nas narrativas cotidianas das crianças surdas. Ver seus pais narrando acontecimentos da família em sinais, contando histórias infantis ou fazendo comentários sobre um determinado acontecimento em Libras estimula a criança surda e produz elementos para a sua relação com o mundo.

Aprender a língua de Sinais por meio do uso da literatura cria nas pessoas surdas um respeito pela cultura e pela comunidade surda e isso é de extrema importância para a valorização humana do surdo. Nesse sentido, é possível compreender a relevância deste trabalho, tendo em vista que a sua narrativa se constrói com base nas ideias da valorização da língua de sinais, ao estimularmos as crianças surdas para que tenham orgulho do uso de sua comunicação visual, assim como as famílias ouvintes, para que desenvolvam respeito pela língua de sinais das crianças surdas.

As traduções, adaptações e criações de materiais para a literatura surda são de extrema relevância, pois contribuem para que a criança desenvolva orgulho e valorize a língua de sinais. Podemos acessar vários gêneros, incluindo as histórias infantis, como poemas, fábulas, contos, que estão disponíveis na língua de sinais e alguns com possibilidade de acesso pela internet. É essencial que materiais sobre literatura surda estejam disponíveis para que as crianças sejam estimuladas ao uso da língua de sinais e reconhecimento de sua surdez. A fim de ratificar esta importância, Mourão (2011, p.53) destaca:

Tais livros que têm sido usados por toda a comunidade surda em escolas de surdos. Não é uma literatura somente para sujeitos surdos, também para sujeitos ouvintes para alunos das escolas comuns, a fim de que possa aprender a língua de sinais e também possam reconhecer e respeitar a comunidade surda ou o povo surdo.

As adaptações ou produções desses materiais contribuem para o empoderamento e valorização da comunidade surda, pois apresentam marcas culturais e partes das narrativas incorporam aspectos do modo de vida das pessoas surdas. Muitas dessas histórias são conhecidas por tratarem de narrativas da literatura mundial, contudo há ainda extrema relevância de criação dos materiais, isto é, “aqueles que surgem e são produzidos a partir de um movimento de histórias, de ideias que circulam” (MOURÃO,2011,p.54). A produção e distribuição dos materiais criados nas línguas de sinais também são de extrema importância, contribuem para maior criatividade daqueles que os utilizam, como se lê em Mourão (2011, p.54):

Se os surdos tivessem uma experiência mais intensa com essas histórias, com textos literários (em sinais ou através de leitura),essa aprendizagem nas escolas ou em seus lares, com professores ou pais contando histórias, eles teriam mais possibilidade de imaginação, reflexão, emoção, e se tornariam como uma fábrica de histórias, de subjetividade literária, logo produzindo ideias e criatividade.

Esse entendimento é adequado para o presente trabalho, pois se trata de uma criação, em que foram pensados alguns aspectos da vida cotidiana das crianças surdas em famílias ouvintes e as dificuldades em relação ao uso e respeito à língua de sinais. Na narrativa, são destacadas situações que fazem parte da vivência de sujeitos surdos, para que exista uma identificação tanto de surdos como de ouvintes. Embora isso não tenha sido tarefa fácil, buscamos construir e trazer reflexões e emoções cotidianas da vida das pessoas surdas para a história, por meio de elementos que pudessem evidenciar as relações entre surdos e ouvintes e permitissem que as pessoas compreendessem como podem melhorar o seu relacionamento com as pessoas surdas, usando a língua do surdo, e para que crianças surdas sintam-se estimuladas a usar língua de sinais para construir as suas próprias narrativas aos se desenvolverem enquanto sujeitos.

O uso da literatura no aprendizado das crianças vem sendo muito utilizado pelos educadores. O potencial da literatura para estimular o interesse e o envolvimento dos alunos nos processos educativos é inquestionável. No entanto, preocupa-nos a falta de acesso aos materiais literários por parte de alunos surdos. De acordo com Rosa (2006),

Ao surdo falta explorar e registrar seu imaginário e fantasia, bem como informação sobre a cultura e sua língua de sinais. Os materiais literários existentes carecem de uma maior estrutura e apoio linguístico considerando a particularidade do Surdo.

Os livros e as histórias infantis têm um papel fundamental no desenvolvimento da imaginação, na compreensão, interpretação e na criação de hipótese das crianças em geral. No caso dos alunos surdos que desenvolvem essas potencialidades de forma visual, só a existência do livro não basta para que se beneficiem. É necessário que, a princípio essas leituras sejam mediadas e possibilitadas. Por isso, a necessidade de professores que dominem a Libras e a existência de materiais visuais bilíngues.

A relação das crianças surdas com os livros também vai depender do estímulo dado pela família. Mas, para que a família estimule o valor pela literatura, é preciso que tenha domínio da língua de sinais e que a use com seus filhos surdos na leitura de livros infantis. Por isso, Rosa (2006²) afirmam: “As crianças precisam encontrar significados que ultrapassem o sentido da leitura escolar e, preferencialmente, devem trazer de casa uma relação afetiva com os livros, construída com a família através da Libras (Língua Brasileira de Sinais)”.

Sendo assim, ressaltamos a necessidade e a importância da valorização da literatura surda desde a mais tenra idade. As crianças surdas se tornarão adultos surdos e precisam se constituir pelas experiências estabelecidas com a língua de sinais e pela valorização de suas subjetividades surdas. As crianças surdas precisam participar dos jogos de imaginação, das fantasias e das narrativas de outras gerações de surdos para que possam projetar o futuro com base nas identificações com as possibilidades de ser surdo.

² Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/fabianosoutorosa/files/2012/04/1629-6197-1-PB.pdf>

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Desenvolver um material didático bilíngue composto por um DVD com contação de história em língua de sinais e língua portuguesa, além de um livro com história infantil, cartelas com imagens e escrita em língua portuguesa para estimulação visual de crianças surdas na faixa etária de 6 a 10 anos.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Realizar pesquisa bibliográfica como base teórica para pesquisa em questão;
- Planejar um material didático bilíngue para o letramento de alunos surdos com idade entre 6 a 10 anos, tendo em vista a utilização de Língua de sinais como primeira língua e a língua portuguesa como segunda língua;
- Pesquisar a existência de materiais didáticos bilíngues para o trabalho com histórias infantis e letramento bilíngue;
- Criar uma história que aborde o tema da surdez voltado para o público infantil de 6 a 10 anos;
- Organizar um glossário de Libras com exposição de palavras em português escrito sobre vocabulário utilizado na história;
- Produzir um vídeo com a contação da história em Libras (dublado em português) e um glossário em Libras e português escrito com vocabulário da história;
- Produzir um livro ilustrado com escrita em português, cartelas com imagens e cartelas com escrita em Língua portuguesa.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo se caracterizou por uma pesquisa bibliográfica e documental com pesquisa ação e foi dividido em quatro etapas, a saber:

1 – Pesquisa bibliográfica para estudo da literatura que embasou a escrita da dissertação e criação do produto;

2- Pesquisa em sites para verificar a existência de materiais didáticos visuais e história infantil com o tema “borboleta surda”;

3 – Criação da história “A poderosa borboleta surda”, criação de imagens e produção de vídeo em Libras (com dublagem em português) e glossário em Libras/português escrito;

4 – Confeção do livro e dos materiais didáticos (cartelas com imagens e escrita em português).

Na primeira fase, realizamos uma pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2002), é desenvolvida a partir de materiais já elaborados e constituídos, principalmente, de livros e artigos científicos, destacando o seguinte: “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.” (GIL,2002,p. 45).

Dessa maneira, a pesquisa bibliográfica serviu para aprofundar os conhecimentos e reflexões a respeito da aquisição de linguagem e desenvolvimento do pensamento relacionados à aquisição da Libras como primeira Língua e do português escrito como segunda língua das crianças surdas. O estudo bibliográfico também possibilitou refletir sobre questões relacionadas ao conceito e importância do letramento na educação de surdos, assim como considerar o letramento visual associado ao uso de estratégias e materiais visuais como fatores essenciais ao desenvolvimento de crianças surdas. Pesquisamos também sobre literatura infantil e literatura surda como maneira de embasar nossos propósitos na criação de uma história infantil com enredo abordando a temática da surdez e da Libras.

Na segunda etapa deste estudo, foi realizada uma pesquisa em *sites da internet* com o propósito de verificar a existência de história e materiais visuais com a mesma temática proposta em nosso estudo. Ao realizar a pesquisa,

verificamos a inexistência desses materiais, justificando a criação dos produtos propostos neste trabalho.

A terceira e quarta etapas deste estudo podem ser caracterizadas como uma pesquisa ação com criação de história infantil e material didático visual. De acordo com Gil (2002), a pesquisa ação apresenta base empírica que é concebida e realizada em estreita relação com uma ação ou com a resolução de um problema. No caso desta pesquisa, tivemos a intenção de resolver um problema no que se refere à ausência de materiais didáticos visuais para o letramento de crianças surdas.

A produção do material exigiu um envolvimento ativo da pesquisadora e reflexões constantes sobre a melhor maneira de atingir os objetivos propostos. Para tal, foi criada uma história em Libras com o nome “ A poderosa borboleta surda”. Após a criação da história em Libras, passamos às etapas de tradução para o português, criação de imagens, filmagem e edição.

Terminada a edição da história, foi elaborado e produzido um glossário em Libras e português escrito para dar apoio à aquisição de vocabulários ligados à história.

Após a confecção do vídeo, dedicamos-nos à confecção do material didático composto pelo livro de história impresso e cartelas. As cartelas foram divididas em: cartelas com uma única imagem, cartelas com cenas completas, cartelas com uma única palavra e cartelas com frases.

A seguir serão apresentados os procedimentos relativos às quatro etapas do estudo.

3.1 - 1ª etapa – Pesquisa bibliográfica

Com base em pesquisas realizadas em artigos acadêmicos, livros e documentos oficiais, foi possível escrever a Introdução deste estudo, contendo os seguintes temas na revisão de literatura:

- Aquisição de linguagem e a importância da Libras como primeira Língua de crianças surdas.
- O surdo e o aprendizado da língua portuguesa como segunda Língua
- Letramento visual: Ensino, estratégias e materiais.

- A literatura infantil na escola
- Literatura surda: importante como estímulo ao desenvolvimento de crianças surdas.

Com base na revisão de literatura tivemos acesso a diversas pesquisas sobre o tema estudado e ampliamos o universo de conhecimento para a construção do material proposto. A revisão da literatura também favoreceu as reflexões estabelecidas durante a apresentação e análise dos resultados assim como a elaboração das Considerações Finais.

3.2 - 2ª etapa – Pesquisa em sites para verificar a existência de materiais didáticos visuais e história infantil com o tema “borboleta surda”.

A pesquisa para levantar materiais didáticos na internet, inicialmente, foi feita utilizando as palavras-chave: “materiais visuais para surdos”.

Por meio dessas palavras, foram encontrados apenas exemplos de exercícios escritos e/ou jogos confeccionados com a utilização de desenhos de mãos representando a Libras. São exemplos desta pesquisa:



Figura 1 – Jogo da memória com os animais

Fonte: <http://incluirjuruti.blogspot.com.br/2012/10/jogo-da-memoria-dos-animais-em-libras.html> .
Acesso em 12/11/2015.



Figura 2 - Jogo da memória com família

Fonte: <https://colegaslibras.wikispaces.com/JOGOS+DE+LIBRAS>. Acesso em 12/11/2015.

Em seguida foram utilizadas as palavras-chave “materiais didáticos para surdos” e o resultado foi semelhante ao anterior. Então, foram lançadas as palavras “Literatura surda” e foram encontrados os livros infantis: Tibe e Joca, Cinderela Surda, a Cigarra surda e a formiga, Patinho surdo, Rapunzel surda, O feijãozinho Surdo, Adão e Eva e Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras. As imagens abaixo demonstram alguns desses livros.

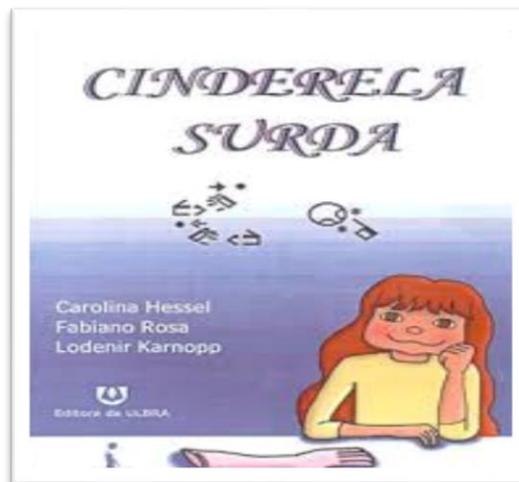


Figura 3 – Capa do Livro Cinderela Surda

Fonte: <https://escritadesinais.wordpress.com/2010/08/30/cinderela%C2%A0surda-e-rapunzel-surda/>. Acesso em 5/11/2015.

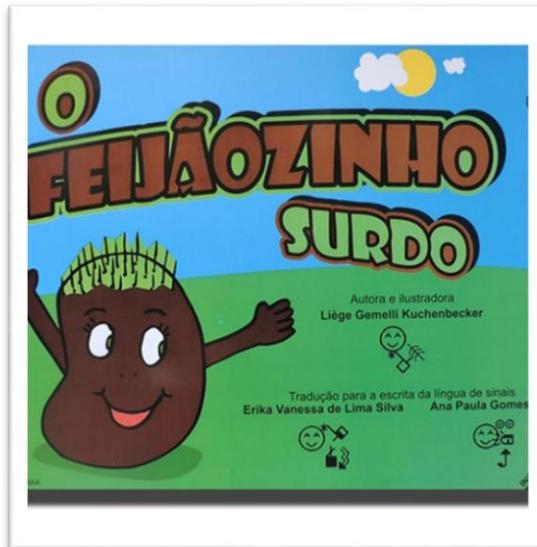


Figura 4 – Capa do Livro O feijãozinho surdo

Fonte: <http://www.skoob.com.br/o-feijaozinho-surdo-203432ed227298.html>.
Acesso em 5/11/2015.



Figura 5- Capa do Livro A cigarra surda e as formigas

Fonte: [http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsi
noEmLiteraturaVisual/assets/622/TextoBase_MLS_2011.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsi%20noEmLiteraturaVisual/assets/622/TextoBase_MLS_2011.pdf). Acesso em 5/11/2015.

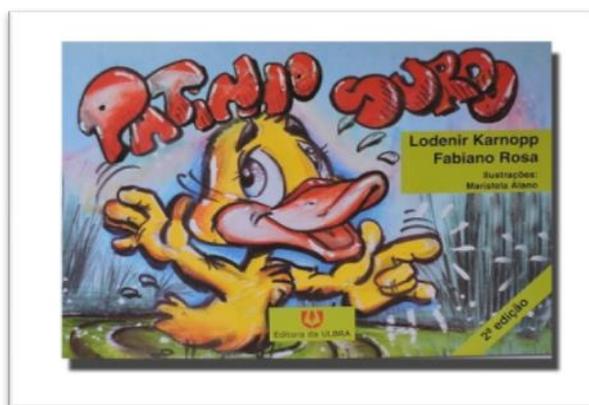


Figura 6 – Imagem da capa do livro O patinho

Fonte: <http://lojasurdosol.com.br/produto/livro-o-patinho-surdo/>. Acesso em 5/11/2015

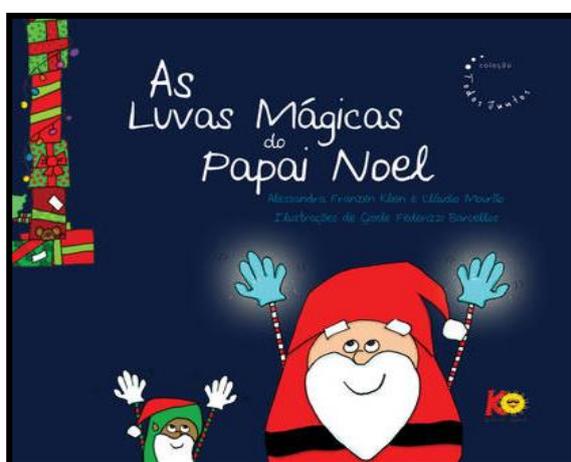


Figura 7 – Imagem da capa do livro As luvas Mágicas do Papai

Fonte: https://www.google.com.br/search?dcr=0&biw=1093&bih=506&tbn=isch&sa=1&q=livro+mao+magica+cacau+moura+o&oq=livro+mao+magica+cacau+mourao&gs_l=psy-ab.3...10635.12756.0.13529.6.6.0.0.0.148.807.0j6.6.0....0...1.1.64.psy-ab..0.0.0....0.2eiKVX1YR0Q#imgsrc=6oqPk7WZCP-YM. Acesso em: 5/11/2015.

Continuando a pesquisa, foram usadas as palavras “livros de história em Libras”. Para essa pesquisa, foram encontrados os mesmo livros citados anteriormente e também algumas outras histórias infantis contendo desenhos de língua de sinais como no exemplo da imagem a baixo:

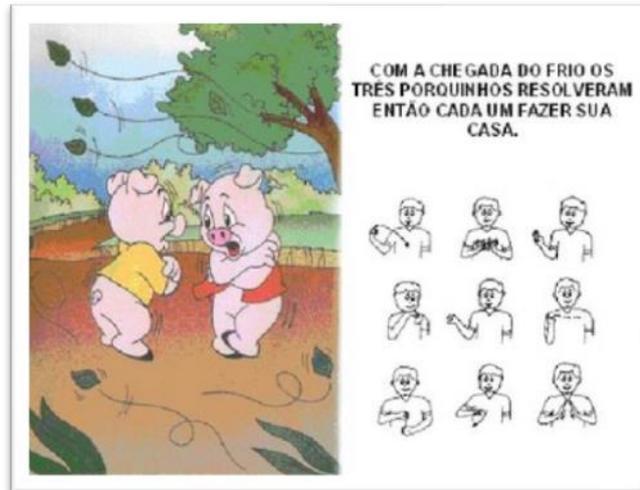


Figura 8– livro dos três porquinhos com desenho das palavras em língua de Sinais

<http://alfabetizacaocefaproponteselacerda.blogspot.com.br/2012/12/historia-em-libras.html>.

Acesso em 05/11/2015.

No site LSB vídeo, foram encontrados os DVDs Fábulas de Esopo, 1, contendo fábulas: 1. A lebre e a tartaruga; 2. O sapo e o boi; 3. O lobo e cegonha; 4. A reunião geral dos ratos; 5. O leão apaixonado; 6. A queixa do pavão, e DVD Fábulas de Esopo 2, contendo as fábulas: 1. A raposa e as uvas; 2. As gêmeas e o galo; 3. O cão e o pelicano; 4. Os pelicanos amigos; 5. O cão e seu osso; 6. O sol e o vento.

Além dos DVDs com fábulas, neste site também foi encontrado o livro digital em Libras com o título: Digital em **DVD** Literatura em LSB – LIBRAS, contendo o seguinte material: quatro poesias em língua de sinais brasileira, LIBRAS. São elas: Bandeira do Brasil, Natureza, Língua Sinalizada e Língua Falada, O Pintor de A a Z. Além disso, conta a fábula O Passarinho diferente e ainda duas histórias infantis: Os Três Porquinhos e Chapeuzinho Vermelho.

Dentre os materiais oferecidos pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos/INES, encontramos a coleção Educação de Surdos composta por 10 volumes. Esse material é encontrado em CD e DVD e apresenta histórias infantis em Libras, nos volumes 3, 4, 7, 9 e 10. Das histórias, foram encontradas as seguintes categorias: contos populares, fábulas, lendas e contos de fadas.

Por meio da pesquisa realizada neste estudo, foi encontrada apenas, um³ livro de história infantil⁴ com a temática de filho surdo em família ouvinte, cujo

³ Nesta pesquisa só encontramos um, mas não quer dizer que não existam outros.

⁴ Na página 66 será apresentado um quadro com análise dos livros encontrados.

título é Tibi e Joca. Os livros “O Feijãozinho surdo” e “Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras” também tem o surdo como personagem principal e são apresentados em livro impresso, acompanhados por um CD com a contação da história em Libras.

Dando continuidade, o próximo procedimento foi realizado uma pesquisa sobre literatura infantil que apresentasse como personagem uma borboleta, para depois verificar se havia alguma história com o tema “borboleta surda”. Com as palavras “história infantil borboleta” foram encontrados muitos livros impressos. Dentre eles, podemos citar: A borboleta Azul, A felicidade das borboletas, No Reino das borboletas brancas, A borboleta de uma asa só, A menina que queria ser borboleta, A borboleta chique, dentre outras. Com as palavras-chave “Borboleta surda” não foi encontrado nenhum livro impresso ou digital.

Após essa pesquisa inicial, na qual não foi encontrado nenhum livro ou material digital sobre o personagem borboleta surda com problemática da comunicação entre filho surdo e família ouvinte em forma de literatura infantil, foi dado início à criação do material apresentado nesta dissertação de mestrado.

3.3 - 3ª etapa: Criação da história “A poderosa borboleta surda”, criação de imagens e produção de vídeo em Libras (com dublagem em português) e glossário em Libras/português escrito.

A história fala sobre uma lagarta surda que nasceu em uma família ouvinte. Ela passa por muitos problemas de comunicação na sua família e na escola. Então, resolve buscar respostas para suas tristezas. Caminhando, encontra um mundo bilíngue onde todos usam Libras e sua vida se transforma, ela aprende sinais e vira uma linda borboleta surda e bilíngue.

Este tema foi escolhido em função da intenção de sensibilizar e atrair a atenção de alunos surdos, possibilitando ao professor trabalhar o letramento em Libras e em português, com o interesse dos alunos. O fato é que grande maioria de alunos surdos nascem em famílias ouvintes e, consciente dessa realidade, surgiu o desejo de abordar essa temática em uma história pensada de surdo para surdo.

Outra intenção deste trabalho refere-se à possibilidade de sensibilização das famílias e dos professores, tendo em vista o trabalho com alunos surdos.

Vale ressaltar, entretanto, que não é o objetivo aqui resolver nenhum conflito familiar, mas sim de apresentar uma criação literária com uma temática que desperte interesse nos alunos surdos e que possa facilitar o seu envolvimento com a Libras e com o português.

A história recebeu o nome de “A poderosa borboleta surda” e foi elaborada pela própria autora da dissertação. A primeira versão foi em Libras, sendo registrada em vídeo caseiro para que pudesse ser assistida, avaliada e corrigida, buscando atender os propósitos iniciais. Inicialmente, o enredo foi pensado sobre uma família de lagartas surdas. Posteriormente, ao assistir aos vídeos caseiros percebeu-se que, se a família fosse de ouvintes, poderia retratar melhor a realidade das crianças surdas e ser mais interessante para elas.

Foram filmadas quatro versões até chegar à definitiva. A partir do vídeo caseiro, foi feita a transcrição para o português. A escrita em português foi dividida em blocos de textos com a intenção de facilitar a filmagem e edição do vídeo. Após a filmagem do vídeo de toda a história, iniciou-se a gravação do áudio da contação da história em português, atendendo o objetivo de confeccionar um material bilíngue e que possa ser usado por alunos ouvintes, como estímulo ao conhecimento e relação com a cultura surda, embora o foco seja os alunos surdos.

Ao iniciar a gravação do áudio, percebeu-se que o texto precisava de adaptações no português escrito para respeitar a norma culta da língua e também para que a leitura ficasse mais fluente e agradável. Foi feita então, mais uma correção em todo o texto.

A versão final escrita da história encontra-se no apêndice desta dissertação e na apresentação em Power Point enviada em conjunto com este trabalho.

Criação de imagens

Tendo a história pronta e o texto escrito, foi feito contato com um desenhista para dar início à criação dos desenhos ilustrativos da história. Foi contratado um desenhista surdo que iniciou a confecção das imagens, as quais foram sendo adequadas à medida que iam sendo criadas e disponibilizadas para autora. Abaixo podemos visualizar alguns rascunhos iniciais do desenho.



Figura 9 - Borboleta sem pestana, mão fechada, posição do braço errado. Arquivo



Figura 10 - rascunho melhorado, ainda com pestanas pequenas e posição errada do braço.
Arquivo pessoal



Figura 11 - rascunho com modificações de pestanas e braço. Arquivo

A princípio, foram criados alguns desenhos que não agradaram visualmente à autora. Alguns detalhes das imagens e também as cores não foram consideradas adequadas por não atraírem a atenção visual e esta é uma importante questão a ser pensada na criação de qualquer material próprio para surdos, pois precisa ser atraente e bem detalhado visualmente.

O primeiro desenho/rascunho foi feito diversas vezes, uma vez que deveria representar o nome da história e a borboleta deveria estar fazendo o

sinal de “poderosa”. A seguir, podemos verificar alguns desses desenhos já coloridos e comentados:



Figura12 – Personagem em processo de criação Arquivo

Podemos perceber na Figura 12 que a borboleta está com os braços erguidos parecendo “forte” e não “poderosa”. Também não agradaram as cores e o desenho do cabelo. Então, foram pedidas modificações ao desenhista.

Outro fator de modificação do desenho inicial foi o fato de já ter sido criado um sinal para a borboleta surda e o desenho não combinar com a imagem da borboleta que teria dado origem ao sinal. Ou seja, o sinal da borboleta foi escolhido por causa das supostas pestanas grandes que ela teria e no desenho inicial as pestanas não estavam em destaque.



Figura 13 - Desenho da borboleta com as pestanas grandes e correspondendo ao sinal escolhido para ela. Desenho aprovado. (Arquivo)

O desenho precisou ser refeito porque não retratou a imagem desejada pela autora. Esse cuidado com as imagens foi pensado muitas vezes porque as informações visuais são muito importantes para os surdos, então, cada detalhe deve ser pensado, pois chama a atenção e merece ser considerado.



Figura 14 - Foto do sinal da “borboleta surda” Fonte: Arquivo Pessoal

Podemos perceber na imagem acima que o desenho da borboleta mudou e passou a apresentar pestanas maiores e posição dos braços correspondente ao sinal de “poderosa”. Outra informação visual modificada foram os cabelos e as cores da borboleta. Após correção da imagem do personagem principal, foi dado prosseguimento ao desenho de outras partes da história e as imagens foram sendo adequadas às necessidades apresentadas.

Podemos observar na imagem a seguir uma das cenas da história com o desenho pronto e depois com o desenho com a edição final no qual foram feitos os últimos ajustes nas cores.

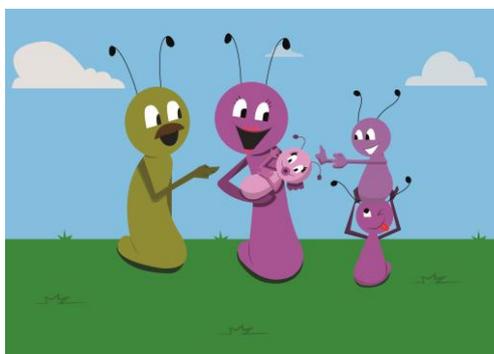


Figura 15 – Família da borboleta surda. Fonte Arquivo pessoal

A apresentação do material, a princípio, foi pensada para acontecer apenas em vídeo. Os desenhos serviriam para ilustrar o vídeo. Mas, quando os desenhos foram ficando prontos resolvemos fazer um livro, uma vez que já havia texto produzido em português e as imagens já estavam desenhadas. O livro tornou-se mais um material visual que poderia dar suporte à compreensão e ao trabalho da história.

Abaixo, podemos observar três versões criadas para a capa do livro e do DVD:



Figura nº 16 capa 1

Fonte: Arquivo Pessoal



Figura nº 17 capa 2

Fonte: Arquivo Pessoal



Figura nº 18 capa 3

Fonte: Arquivo Pessoal

Podemos observar que foram criadas três versões para a capa do material. Na primeira capa, foi escolhida a cor rosa como predominante com uma margem formada por pequenas borboletas, a segunda ficou sem margem, apresentando apenas o desenho com a ilustração do livro e a terceira apresenta um margem sinuosa, sem muitos detalhes, nas cores azul escuro e amarelo. A autora achou que o contraste de cores da terceira capa estava mais adequado e atraente. Foi escolhida a terceira capa como a definitiva para o material.

Após a edição final das imagens e do texto, estava pronto o material para o livro e demos início à produção do vídeo, contendo a história que seria apenas em Libras. No entanto, ao pensar em um material de letramento bilíngue, pensou-se na necessidade de o vídeo apresentar também áudio para que os profissionais e alunos ouvintes tivessem acesso e pudessem compartilhar a história com os alunos surdos. Como afirmado na revisão de literatura, no item 1.2.3, a literatura precisa ser mediada por um adulto com competência em Libras e por materiais visuais. Sendo assim, como a maioria dos adultos com os quais a criança convive é ouvinte optou-se por um material acessível também para os ouvintes. Dessa maneira estaremos provendo acessibilidade para um público diversificado.

Filmagem da contação de história

A filmagem da história foi realizada em estúdio pessoal com máquina profissional modelo Cânon número 7. O estúdio dispõe de fundo *chrome key* na

cor verde, liso, com boa iluminação, adequada para realização de filmagens profissionais, não apresentando falta e nem excesso de luminosidade.

A pessoa que realizou a filmagem foi um profissional surdo com experiência em filmagem e edição de vídeos. A autora deste estudo foi a apresentadora da história. Foi utilizada blusa bege lisa, escolhida em função da cor da pele da apresentadora. Em função da cor de pele (morena escura), fez-se necessário roupa clara, por isso, a cor bege. A filmagem seguiu orientações de Marques e Oliveira (20010,p.3) que afirmam

1. Fundo e Iluminação: O fundo para as filmagens deve ser branco e liso, sem desenhos, objetos ou qualquer outro item que chame a atenção. A iluminação deve ser cuidadosa, sem excesso ou carência de brilho, sombras precisam ser evitadas. 2. Vestuário: Para a sinalização devem-se usar camisetas tipo básica (T-Shirt), com mangas curtas ou longas, o decote não deve ser aberto, não deve ter estampas, formas, listras, botões ou bolsos. Para a execução do artigo fica a seguinte orientação: a - Pessoas de pele clara devem utilizar camisas com cor azul marinho para os títulos, preta para os textos e vermelha para as citações. b - Pessoas morenas ou negras devem utilizar camisas com cor bege para os títulos, cinza para os textos e vermelha para as citações⁵.

Embora, essas orientações tenham sido destinadas a filmagens de artigos, podemos considerar que as orientações são coerentes com as disposições visuais adequadas para outras filmagens destinadas ao trabalho com a língua de sinais.

Podemos observar alguns momentos da filmagem realizada:

⁵ Disponível em:

(http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_metodologias_traducao_marquesoliveira.pdf).
acesso em



Figura 19 - Autora/apresentadora fazendo o sinal de “surda”. Fonte: arquivo



Figura 20 – Autora/apresentadora fazendo o sinal “borboleta” Fonte: arquivo pessoal



Figura 21– Autora/apresentadora fazendo o sinal “poderosa” Fonte: arquivo pessoal

Posteriormente, durante a edição do vídeo, utilizamos a cor branca para o fundo, de acordo com as orientações de pesquisas desenvolvidas na área, com o objetivo de tornar o visual mais adequado.

A filmagem foi feita em estúdio com fundo *chrome key* na cor verde e liso para depois realizar a edição com a inserção das imagens em plano de fundo. A primeira edição não ficou boa, pois percebemos que a sinalização da apresentadora aparecia ao mesmo tempo em que as imagens apareciam e isso poderia desviar a atenção das crianças para as ilustrações, coloridas e atraentes. Ao observar as ilustrações, as crianças poderiam perder as informações sinalizadas. Então, optou-se por colocar a apresentadora sinalizando sem adicionar as imagens ao mesmo tempo. Essa estratégia também não foi acertada, porque percebemos que, na versão anterior, a narradora interagia com as imagens e isso tornava a narrativa enriquecida.

Em uma terceira experiência, optamos por mostrar primeiro a imagem, esperar cerca de 30 segundos para que a criança possa observar os detalhes dos desenhos e depois inserir a narradora fazendo a contação da história em Libras e interagindo com as imagens. Essa terceira estratégia se mostrou mais adequada porque foi possível aproveitar as potencialidades das imagens e da língua de sinais. A seguir, podemos observar uma das cenas já editadas:



Figura: 22 - Narradora fez o sinal “Surda”. Fonte: arquivo

Após o término da edição e durante a revisão, alguns equívocos foram identificados. Um deles foi a sinalização para se referir à personagem principal. Ao assistir ao vídeo final, percebemos que a narradora estava se referindo à personagem, desde o início da história com o sinal de borboleta e, na verdade, durante a maior parte da história, fala-se de uma lagarta e não de uma borboleta.

Apenas no final da história a lagarta se torna borboleta. Portanto, o sinal estava sendo usado inadequadamente desde o início da narrativa.

Outro equívoco se deu em relação a algumas palavras que não se adequavam à faixa etária proposta, podendo comprometer a compreensão da história. Em função dessa característica do texto, foi feita uma nova revisão e filmagem para depois proceder à edição da filmagem com as imagens de fundo. Podemos ver na figura a seguir:



Figura nº 23 - narradora fazendo sinal de borboleta. Arquivo pessoal

Na figura acima observamos a narradora se referindo à personagem principal usando o sinal de borboleta, quando o certo seria fazer o sinal de lagarta.



Figura nº 24 – Narradora fazendo sinal lagarta. Arquivo pessoal

Na imagem acima (Figura nº 24), observamos a narradora fazendo o sinal correto da personagem que é de lagarta.

As edições foram feitas em edição de vídeo programa *Final cut pro* como podemos observar na imagem.



Figura nº 25 - Edição de vídeo programa Final cut. Arquivo pessoal

As edições foram feitas com vídeos em blocos. Cada cena da história era filmada em Libras, editada e inserida no material final. Abaixo podemos ver algumas cenas já editadas.



Figura nº 26 – Sinal poderosa.
Arquivo Pessoal.



Figura nº 27 – Sinal ler.
Arquivo Pessoal.

Como podemos observar nas figuras anteriores, toda a história foi contada em Libras com o apoio das imagens ao fundo. Após a edição completa das imagens, passou-se para a inserção de áudio. Nesta etapa, encontramos algumas dificuldades pelo fato de eu, autora desta pesquisa, ser surda e a pessoa que faz as edições de vídeo também ser surda. Foi necessário contratar uma intérprete para fazer a versão voz. Os áudios também foram gravados em blocos para serem inseridos em cada cena da história. Após a gravação dos áudios, os mesmos foram verificados pela orientadora deste estudo, que é ouvinte e

proficiente em Libras, apresentando formação e fluência para verificar a devida interpretação das Libras para o português oral. Com os áudios gravados, passamos para a fase de inserir os mesmos junto aos vídeos da contação de história e esse foi outro obstáculo para o profissional surdo que fez as edições. Foi necessário recorrer a um profissional ouvinte que pudesse ouvir os áudios, identificar as partes da história e colocá-los na posição correta.

Criação e produção do Glossário

Depois de criada a história, feitas as filmagens e edições, começou-se a pensar sobre as estratégias de uso do material para trabalhar o letramento visual com alunos surdos. A princípio, foram pensados materiais impressos para que os alunos pudessem manusear e ter acesso às informações da história em imagens e em português escrito. Depois, pensamos que seria interessante e mais adequado que as crianças tivessem um apoio visual em vídeo para fazerem associações com os outros materiais didáticos impressos. Foi assim que idealizamos um glossário de Libras com palavras escritas em português para que as crianças pudessem associar às cartelas com imagens e palavras.

A partir dessa decisão, selecionamos o vocabulário para compor o glossário. O vocabulário selecionado foi:

LAGARTA - PAI – MÃE - FAMÍLIA - BORBOLETA – SURDA
OUVINTE – ESCOLA – TRISTE – FELIZ – MOCHILA – FOLHAS
ÁRVORE – FLORESTA – FLOR – SAPO – CARACOL – COBRA
COELHO – TARTARUGA – LIBRAS – PROFESSORA – IRMÃ
PODEROSA

Todo o glossário foi filmado em Libras e depois foi feita edição com a inserção das palavras em português como podemos ver a seguir.



Figura nº 28 - imagem do glossário com sinal de borboleta. Fonte: arquivo pessoal



Figura nº 29 - imagem do glossário com sinal e escrita de borboleta. Fonte: arquivo pessoal



Figura nº 30 - imagem do glossário com sinal de flor. Fonte: arquivo pessoal



Figura nº 31 imagem do glossário com sinal de flor e escrita em português. Fonte: arquivo pessoal

Nas figuras nº 28, podemos observar a filmagem do sinal para o glossário ainda sem a escrita do português e nas figuras nº 30, nº31 e nº 32 observamos que foi inserida a escrita em português para que os alunos possam ver os vídeos e ter acesso ao vocabulário em Libras e em português.

Ao assistir o glossário com sinal em Libras e escrita em português, percebemos que as crianças poderiam não saber o sinal de um ou outro vocabulário e apresentar somente o sinal e a escrita não lhe daria acesso ao significado. Seria necessário incluir imagem para dar total acessibilidade e estar de acordo com nossa proposta de letramento visual para surdos. Assim, fizemos mais uma edição nos vídeos para inserir as imagens no glossário. A figura a seguir mostra exemplo de vocabulário com imagem.

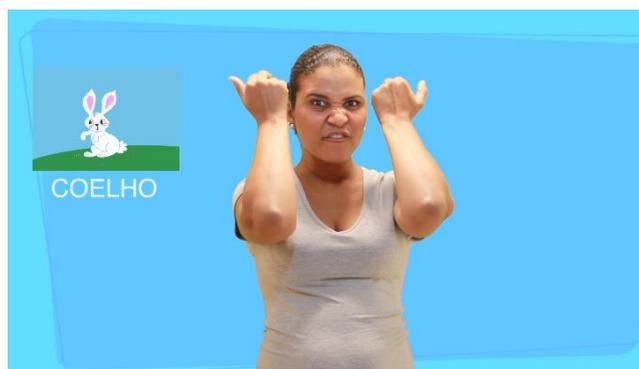


Figura nº 32 - Imagem do glossário com sinal, imagem e escrita em português de COELHO.
Fonte: arquivo pessoal

Com o glossário pronto, demos prosseguimentos ao material com a produção do livro, das cartelas de imagens e escritas em Língua portuguesa, como veremos a seguir.

Criação do livro com a história “A poderosa Borboleta surda”

O livro impresso foi criado a partir da história já gravada em Libras e utilizando os desenhos elaborados anteriormente para o vídeo, conforme etapa descrita para criação das imagens.

Para cada cena da história foi pensada uma imagem e um texto em português. O texto em português é uma tradução da narrativa sinalizada da autora. A tradução para o português foi realizada por um profissional intérprete tradutor de Libras e verificada pela orientadora no que se refere à adequação linguística à faixa etária alvo deste produto. A princípio, o livro piloto foi impresso com a imagem em uma página e a escrita no verso. Mas, ao folhear o livro, percebemos que a escrita correspondente à imagem estava aparecendo sempre no verso, ou seja, imagem e texto que ficavam lado a lado não eram correspondentes e isso poderia dificultar o estímulo visual e compreensão dos alunos surdos.

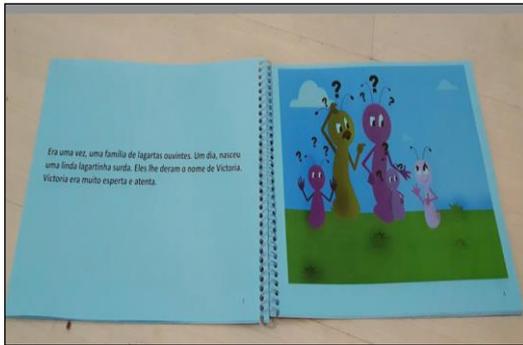


Figura nº 33 - imagem do livro com texto que não corresponde à figura. Fonte: arquivo pessoal

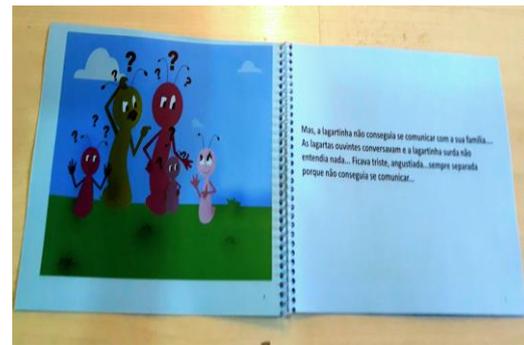


Figura nº 34 - imagem do livro com texto e imagem correspondentes. Fonte: arquivo pessoal

Como esse formato de livro não ficou muito adequado para a visualização confortável das crianças surdas, optou-se, então, por refazer o livro com as páginas de cenas/desenhos apresentadas ao lado da escrita em português, como podemos observar abaixo:

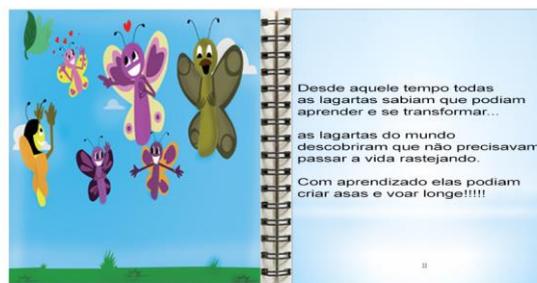


Figura nº 35 - Imagem do livro na versão final com imagens de um lado e escrita do outro lado. Fonte: arquivo pessoal

Dessa maneira, achamos que o formato do livro estava adequado e pudemos dar prosseguimento aos outros materiais.

Criação das cartelas para o trabalho em Língua portuguesa

Para dar continuidade à confecção de materiais visuais, tendo em vista o letramento de alunos surdos, agora, com foco na língua portuguesa, demos início à confecção das cartelas de vocabulários e imagens. Foi elaborada uma cartela para cada vocabulário trabalhado no glossário e para cada cartela com imagem

foi confeccionada uma cartela com a escrita em português como podemos observar abaixo:



Figura nº 36 - Cartela com imagem da lagarta pai. Fonte: arquivo pessoal



Figura nº 37 - Cartela com a escrita do em português/lagarta pai Fonte :Arquivo

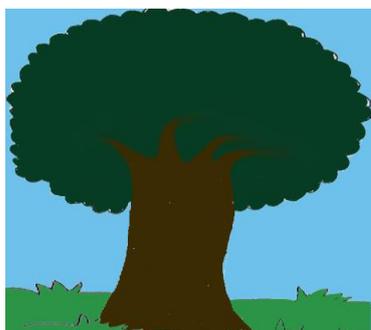


Figura nº 38 Cartela com imagem de árvore. Fonte: arquivo pessoal



Figura nº 39... Cartela com escrita em português/ de árvore. Fonte: arquivo pessoal

Após a criação das cartelas com vocabulários, foram criadas também as cartelas com imagens de cenas e frases. Abaixo, podemos ver todas as frases criadas para confeccionar as cartelas. Essas frases correspondem às principais cenas da história, mas não estão idênticas às frases do livro. No livro, as frases estão mais extensas porque têm o objetivo de descrever com mais detalhes a história. No entanto, nas cartelas, temos o objetivo do letramento visual e procuramos escrever frases pequenas com palavras-chave que serão trabalhadas com os alunos. A seguir, podemos ver as frases adaptadas para as cartelas:

- 1- A lagarta surda nasceu.
- 2- A lagarta surda não tem comunicação com família ouvinte.
- 3- A lagarta surda foi para escola.
- 4- A lagarta surda ficou muito triste.
- 5- A Lagarta pegou mochila, folhas e saiu.
- 6- A lagarta surda rastejou e chorou pela floresta.

Viu árvores, flores, galhos, sapos, caracóis, cobras, coelhos e tartarugas.
- 7- A Lagarta surda encontrou mundo bilíngue.
- 8- A borboleta chegou e convidou lagarta para entrar no mundo bilíngue. Ela encontrou lagartas e borboletas surdas e ouvintes usando LIBRAS.
- 9- A lagarta surda aprendeu LIBRAS e virou borboleta. Ela tem lindas asas de borboleta e pode voar.
- 10- A borboleta surda voltou para encontrar família ouvinte.
- 11- A família ficou admirada com a borboleta surda.
- 12- Borboleta surda avisou que família precisa aprender LIBRAS.
- 13- A família fez curso de LIBRAS. Todos conseguiram

se comunicar. A borboleta surda ficou feliz!
- 14- As lagartas entenderam que podiam se transformar em borboletas, criar asas e voar longe.

A princípio, foram pensadas cartelas com frases em formato mais alongado como podemos ver abaixo:

A lagarta surda ficou muito triste.

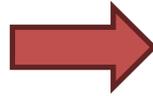
Figura nº 40 cartela de frase em forma alongada. Fonte: arquivo pessoal

Este formato da cartela de frases ficaria muito diferente das outras cartelas que são todas em formato quadrado. Então, pensando em uniformizar o formato de

todas as cartelas, optando pelos modelos apresentados.



Figura nº 41- Cartela quadrada com imagem da lagarta triste.
Fonte: arquivo pessoal



A lagarta surda ficou muito triste.

Figura nº 42 - Cartela quadrada com escrita de frase. Fonte: arquivo pessoal

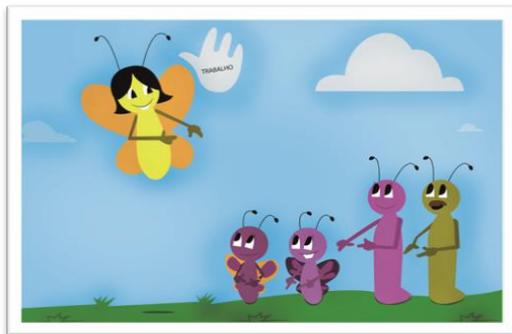


Figura nº 43- cartela quadrada com imagem da família aprendendo libras. Fonte: arquivo pessoal

A família fez curso de LIBRAS. Todos conseguiram se comunicar. A borboleta surda ficou feliz!

Figura nº 44- cartela quadrada com escrita de duas frases. Fonte: arquivo pessoal

Esta versão das cartelas foi considerada a mais adequada tendo em vista a apresentação visual, o conteúdo e os objetivos de letramento de alunos surdos. Como podemos observar nas imagens anteriores, todo o material foi criado considerando a questão da visualidade.

4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1- Resultados e discussão sobre a pesquisa em sites para verificar a existência de materiais didáticos visuais e história infantil com o tema “borboleta surda”.

Como foi explicitado no item Materiais e Métodos, para iniciar o nosso estudo, foi realizada uma pesquisa em sites, com o objetivo de verificar a existência de materiais didáticos visuais para surdos e livros infantis com a temática “borboleta surda”. Sendo assim, nossa pesquisa inicial identificou a existência de alguns materiais com uso de imagens atreladas ao desenho do sinal em Libras, como podemos verificar na figura abaixo:



Figura nº 45 jogo de numerais e quantidades em Libras. Disponível em: <http://mirandalibrassemfronteiras.weebly.com/-a-alfabetizaccedilatildeo-de-crianccedilas-surdas---implementaccedilatildeo-da-educaccedilatildeo-bilingue-nota-teacutecnica-052011-ndash-mecsecadigab.html>. Acesso em 12/11/2015.

Figura nº 46... jogo da memória em Libras. Disponível em: http://tatianaabellan.blogspot.com.br/2011/04/jogos-educativos-em-libras_28.html

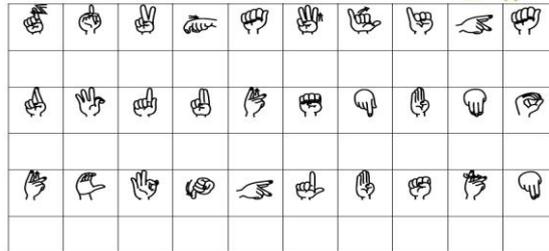
Acesso em: 12/11/2015

A grande maioria dos materiais encontrados usava como recurso o desenho da imagem da mão ao realizar um determinado sinal. Outros materiais foram encontrados em forma de exercícios escritos, também utilizando o recurso das “mãozinhas” para representar a Libras como vemos abaixo:

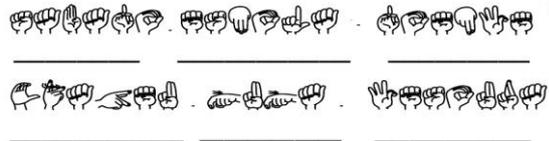
Atividades com o alfabeto datilológico



1- Qual a letra?



2- Qual a palavra?



2- Qual o número?

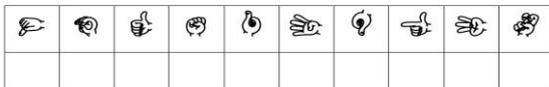


Figura nº 47.. exercício para crianças surdas com recurso do desenho das mãos realizando sinais. Disponível em : <http://daniepereira.blogspot.com.br/2014/04/atividades-alfabeto-manual-datilologico.html> acesso em: 12/11/2015

Verificamos que a maioria dos materiais propostos para o letramento de alunos surdos se preocupa muito mais em desenhar as mãos como representação dos sinais em Libras do que o trabalho com o conceito ou com a imagem da informação. Como pudemos estudar durante a revisão de literatura, sabemos que um material didático para surdos deve ser rico em imagens e informações e não necessariamente se preocupar em desenhar as mãos. A Libras é extremamente necessária como primeira língua para a aquisição de conceitos e vocabulários por crianças surdas. Mas, ao ensinar português, pensamos que é preciso usar imagens e a escrita da própria língua portuguesa porque, ao usar o desenho como uma representação da Libras, estamos trabalhando com mais um código e mais uma informação a ser adquirida pela criança surda.

Com base em minha própria experiência com o ensino para crianças surdas e também por ser uma pessoa surda, posso afirmar que essas atividades contendo desenhos de “mãozinhas” representando a Libras podem ser utilizadas, eventualmente, de maneira lúdica ou como uma diversificação nas proposta de atividade. Porém, não precisa e não deve ser utilizada em

todas as atividades, uma vez que, na escrita, o foco deve ser a língua portuguesa.

Vale ressaltar que este trabalho não descarta e nem minimiza o valor da Libras no processo de ensino para alunos surdos. A Libras deve ser usada como primeiro procedimento, a criança deve ter acesso a todas as informações por meio da Libras. Até para pensar sobre a escrita do português, a Libras deve ser a principal intermediadora. Sendo assim, as atividades e materiais didáticos não precisam estar cheias de “mãozinhas” e sim deve-se potencializar o uso de imagens e escrita da língua portuguesa em conjunto com a Libras utilizada de maneira prática e não desenhada no papel.

Sabemos que materiais didáticos precisam ser visuais. O potencial desses materiais está nas imagens, nas cores, na organização e proposta visual e também na maneira como o professor vai utilizar e conduzir a aula utilizando o material. É importante que o professor seja bilíngue e utilize o material visual interagindo com os alunos surdos em Libras. Não adianta usar um material visual com grande potencial se o professor não souber se comunicar com seus alunos. Portanto, Nery e Batista (2004) afirmam que segundo Reily (2003)

(...) o processo de ensino do aluno surdo se beneficia do uso das imagens visuais e que os educadores devem compreender mais sobre seu poder construtivo para utilizá-las adequadamente; a formação de conceitos seria facilitada utilizando representações visuais, e a sua adoção, nas atividades educacionais, auxiliaria no processo de desenvolvimento do pensamento conceitual, porque a imagem permeia os campos do saber, traz uma estrutura e potencial que podem ser aproveitados para transmitir conhecimento e desenvolver o raciocínio.

Assim, pensamos em um material visual que pudesse envolver a construção do pensamento dos alunos surdos em todos os seus aspectos e não em aprendizagens isoladas. O nosso material tem o objetivo de ser um conjunto de propostas didáticas que, interligadas, possam favorecer o letramento de alunos surdos. Com essa intenção, pensamos na criação de uma história que pudesse ser o detonador de uma atividade de interação lúdica, de compreensão e interpretação por meio da Libras e que os materiais didáticos sejam recursos de apoio para essa compreensão e interação com os conteúdos e experiências propostas.

Para criar uma história, fizemos uma pesquisa para verificar a existência de histórias envolvendo a literatura surda e o tema escolhido. O resultado de nossa pesquisa, no que se refere as histórias encontradas, pode ser observado

na tabela abaixo.

HISTÓRIA	Aborda a temática da surdez?	Faz uso de imagens de maneira adequada?	É adaptação, tradução ou criação?	Qual o gênero literário?	Está em formato de Livro impresso ou em vídeo?	Pode ser considerado um material bilíngue?	Aborda a temática sobre filho surdo em família ouvinte?
Cinderela surda	SIM	Sim	ADAPTAÇÃO	Conto	Livro impresso	Parcialmente	NÃO
O patinho surdo	SIM	Sim	ADAPTAÇÃO	Conto	Livro impresso	Parcialmente	NÃO
O feijãozinho surdo	SIM	Sim	criação	Apólogo	Livro impresso e DVD	Sim	NÃO
Tibi e Jota	SIM	Sim	criação	Conto	Livro impresso	Não	SIM
A cigarra surda e as formigas	SIM	Sim	ADAPTAÇÃO	Fábula	Livro impresso	Não	NÃO
Adão e Eva	SIM	Sim	ADAPTAÇÃO	Mito	Livro impresso	Parcialmente	NÃO
Rapunzel surda	SIM	Sim	ADAPTAÇÃO	Conto	Livro impresso	Parcialmente	NÃO
Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras.	SIM	Sim	criação	Conto	Livro impresso e DVD	Sim	NÃO
As luvas mágicas do Papai Noel	SIM	Sim	criação	Conto	Livro impresso	Parcialmente	NÃO
A lebre e a tartaruga	NAO	Sim	TRADUÇÃO	Fábula	DVD	Sim	NAO
O sapo e o boi	NAO	Sim	TRADUÇÃO	Fábula	DVD	Sim	NAO
O lobo e cegonha	NAO	Sim	TRADUÇÃO	Fábula	DVD	Sim	NAO
A reunião geral dos ratos;	NAO	Sim	TRADUÇÃO	Fábula	DVD	Sim	NAO
O leão apaixonado;	NAO	Sim	TRADUÇÃO	Fábula	DVD	Sim	NAO
A queixa do pavão	NAO	Sim	TRADUÇÃO	Fábula	DVD	Sim	NAO
A raposa e as uvas;	NAO	Sim	TRADUÇÃO	Fábula	DVD	Sim	NAO
As gêmeas e o galo;	NAO	Sim	TRADUÇÃO	Fábula	DVD	Sim	NAO
O cão e o pelicano	NAO	Sim	TRADUÇÃO	Fábula	DVD	Sim	NAO
Os pelicanos amigos	NAO	Sim	TRADUÇÃO	Fábula	DVD	Sim	NAO
O cão e seu osso;	NAO	Sim	TRADUÇÃO	Fábula	DVD	Sim	NAO
O sol e o vento.	NAO	Sim	TRADUÇÃO	Fábula	DVD	Sim	NAO
O Passarinho diferente	NAO	Sim	TRADUÇÃO	Fábula	DVD	Sim	NAO
Os Três Porquinhos	NAO	Sim	TRADUÇÃO	Conto	DVD	Sim	NAO
Chapeuzinho Vermelho	NAO	Sim	TRADUÇÃO	Conto	DVD	Sim	NAO
A Fábula da Arca de Noé	NAO	sim	ADAPTAÇÃO	Fábula	Livro impresso e DVD	Sim	NAO

Figura nº 48 Tabela com análise dos livros de história infantil. Fonte: arquivo pessoal

público surdo. Percebemos que 9 histórias envolviam a temática da surdez e que as outras 16 eram histórias com temas variados, que não envolviam a temática da surdez, mas que foram traduzidas para Libras.

Sobre a natureza das histórias encontradas, percebemos que 15 eram traduções de obras já existentes. De acordo com o estudo de nossa revisão de literatura, compreendemos que as traduções são histórias já existentes e que foram traduzidas para a Libras sem nenhuma alteração do conteúdo. Seis histórias puderam ser classificadas como adaptações. Ou seja, histórias que já são de domínio público, mas foram adaptadas para envolverem a temática da surdez. Como exemplo, podemos citar a história da Cinderela que ao ser adaptada, se tornou Cinderela surda. Na versão adaptada, observam-se várias características que dão ênfase à cultura surda e o objeto principal da história (o sapato que a cinderela perde no baile) é substituído por luvas em referência à valorização das mãos e da língua de sinais. Assim como essa história, outras foram adaptadas (Patinho surdo, A fábula da Arca de Noé, Adão e Eva, Rapuzel surda, A cigarra surda e as formigas) fazendo uma referência aos hábitos e valores da comunidade surda. Essas histórias são

importantes para as crianças surdas porque trazem o universo surdo para as narrativas já existentes e podem servir como afirmação da cultura surda entre crianças surdas e ouvintes.

Em nossa pesquisa foram encontradas apenas quatro livros histórias inéditas e criadas com a intenção de envolver o universo da surdez e da cultura surda. Percebemos que as criações existem em número menor e precisam ser mais incentivadas. Sem desvalorizar as traduções e adaptações, que também são muito importantes, temos a intenção de dar destaque e importância às criações de histórias que colaborem para ampliar o universo da cultura surda. As iniciativas em relação à criação de histórias para surdos ainda são muito tímidas e, por esse motivo, a nossa pesquisa adquire valor e destaque na educação de crianças surdas. É necessário que as crianças surdas tenham mais oferta de livros adequados, mais possibilidades de viver a fantasia e imaginação a partir da lógica do pensamento surdo.

O uso de imagens de maneira adequada também foi observado e caracteriza-se como importante recurso a ser considerado na educação de crianças surdas. Em nossa pesquisa, verificamos que todas as histórias fizeram bom uso dos recursos imagéticos e isso se caracteriza como um facilitador para aprendizagem.

Nossa pesquisa verificou, também, que dessas 25 histórias, dez estão apresentadas em formato de livro impresso e as outras quinze estão em vídeo (DVD) sem o livro impresso. Em dez livros impressos, apenas três, apresentaram o DVD em Libras (em conjunto) como alternativa para acessibilidade dos surdos. Dessa maneira, percebe-se que uma parte das histórias está disponibilizada em imagens impressas e outra parte se apresenta em formato de vídeo, quando sabemos da importância da oferta nas duas maneiras para considerarmos um material como bilíngue. Então, um material para ser bilíngue para surdos precisa ser disponibilizado em língua portuguesa escrita e em Libras.

Alguns livros (cinco ao todo), como o caso de Cinderela Surda e Rapunzel surda, foram considerados parcialmente bilíngues porque consideramos a existência de um glossário com alguns vocabulários com a representação em desenho da língua de sinais. Mas não podemos considerar que esses materiais são totalmente bilíngues porque as informações estão

prioritariamente em língua portuguesa. Um glossário desenhado de língua de sinais ao final do livro não garante a acessibilidade em Libras. Outro fator que foi considerado ao entender o livro como parcialmente bilíngue foi a existência da escrita da língua de sinais, mais conhecida como sign writing⁶. No entanto, essa forma de escrita não é considerada como um registro oficial da Libras e não é de conhecimento de uma grande parcela das pessoas surdas ou dos profissionais que trabalham com educação bilíngue. Sobre a utilização do sign writing como escrita da língua de sinais, Lodi, Harrison e Campos (Lodi et al, 2017,p.37) afirmam:

Acreditamos que esse sistema possa contribuir para estudos mais aprofundados das línguas de sinais por possibilitar uma análise descritiva dos elementos formacionais manuais e não manuais constitutivos da língua; entretanto, não pode ser compreendido como registro escrito das línguas de sinais (...)

Assim, reconhecemos a importância dessa proposta de escrita. Sabemos que ela não é reconhecida oficialmente e que as crianças surdas não a dominam. Portanto, a existência dessa forma de escrita em alguns livros infantis, não os torna bilíngues. Com base nessa perspectiva, nos preocupamos com a construção de um material que pudesse se caracterizar como bilíngue (língua portuguesa e Libras) e acessível para surdos e ouvintes nas duas línguas.

Outro aspecto observado foi quanto ao enredo e contexto abordado na história. Nossa proposta aborda a questão de uma lagarta surda que nasceu em família ouvinte e enfrenta problemas na comunicação sem o uso da Libras. Ao conhecer a Libras ela se torna uma “Poderosa borboleta surda”.

Voltando à questão do enredo das narrativas, no que se refere ao enredo de filho surdo em família ouvinte, encontramos, apenas, a história Tibi e Jota. A história apresenta neste trabalho refere-se ao personagem principal como uma lagarta surda que se transforma em borboleta. Esse enredo não foi encontrado.

Assim, podemos considerar que nossa história é uma criação inédita, que faz parte da literatura surda e é apresentada em formato bilíngue, com

⁶ Para conhecer mais sobre signwriting buscar em http://escritades.dominio-temporario.com/doc/III_CLAFPL.pdf

uso adequado das imagens e que garante total acessibilidade às informações por crianças surdas e ouvintes.

4.2 – Resultados e discussão sobre os produtos desse estudo

O produto desse estudo é um conjunto de materiais didáticos composto por:

- Um DVD contendo: uma história infantil contada em Libras com dublagem em língua portuguesa oral e um glossário de vocabulário da história em Libras e português.
- Um Livro de histórias com imagens ilustrativas e escrita em português.
- Um jogo de cartelas com imagens e palavras do glossário.
- Um jogo de cartelas com imagens de cenas da história e cartelas com frases.

O DVD foi elaborado a partir da necessidade de que toda informação para surdos precisa ser iniciada a partir da utilização da Libras como língua de instrução. Ao pensar atividades com alunos surdos, precisamos nos remeter à necessidade de interação usando a Libras para que o aluno possa ter acesso adequado a todas as informações e, a partir delas, possa estabelecer outras relações com o conhecimento. Como verificado em nossa revisão de literatura, Goldfeld (2002), com base em leituras de Vygotsky, afirma que a linguagem, além de ter a função comunicativa, tem também a função de organizar e planejar o pensamento. Por isso a extrema importância de materiais didáticos privilegiarem a Língua de sinais.

Assim, o DVD foi pensado como maneira de viabilizar a contação inicial da história em Libras. Abaixo, podemos visualizar algumas cenas da história filmada em Libras.



Figura nº 49 - lagarta surda zangada porque não consegue se comunicar com a família.

Figura nº 50- lagarta surda triste pensando por imagem com a família distante. Fonte: arquivo pessoal

Figura nº 51 - família assustada procurando a lagarta surda. Fonte: arquivo pessoal

Os desenhos ilustrativos da história também foram pensados em uma perspectiva visual da cultura surda. Além de terem sido criados por um profissional surdo, podemos perceber neles as marcas da visualidade e organicidade visual potencializada a da compreensão de alunos surdos.

Vejamos as expressões dos personagens:



Figura nº 52 A lagarta encantada com as borboletas sinalizando. Fonte: arquivo pessoal



Figura nº 53 A família admirada com a borboleta surda escrevendo Fonte: arquivo pessoal

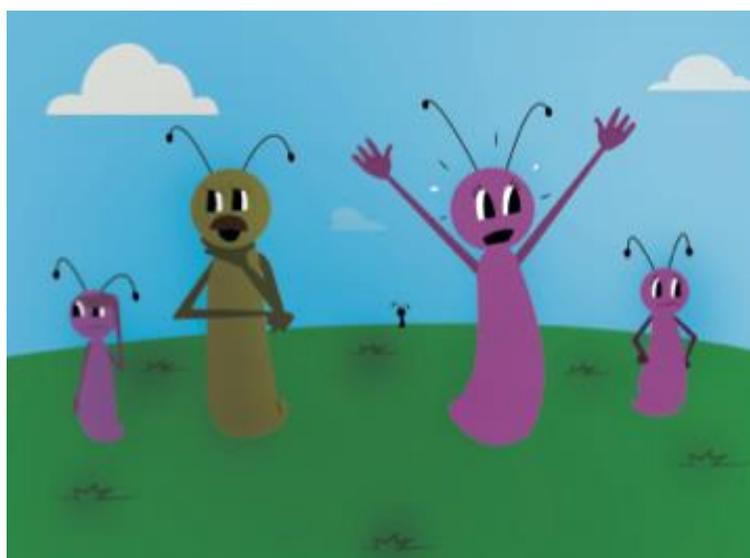


Figura nº 54 - A família preocupada com sumiço da lagarta. Fonte: arquivo pessoal



Figura nº 55 - A lagarta triste. Fonte: arquivo pessoal

Percebemos nas figuras 53, 54, 55 e 56 como a expressão facial constitui importante característica na maneira de passar informação para pessoas surdas. Essa característica é extremamente importante e, inclusive, está descrita como um dos elementos dos parâmetros gramaticais da Libras⁷dada a sua importância. De acordo com Góes e Campos (Lacerda e Santos, 2014, p.79):

Os ouvintes acostumados com a oralidade, usam pouco a expressão facial para comunicação e terão um desafio para aprender a utilizá-la na comunicação em Libras, já que as diferentes expressões faciais são fundamentais na língua e também para a interação com pessoas surdas.

Concordando com Góes e Campos (2014), destacamos a importância das ilustrações, de nosso produto, ter sido criado por uma pessoa surda, com o objetivo de passar informações para crianças surdas. É possível perceber nas ilustrações essa característica que afirma a cultura surda. Embora a história possa ser assistida também por crianças ouvintes, faz-se importante demarcar que ela foi criada, pensada e planejada sob uma perspectiva visual, que considera a língua de sinais e a comunicação visual. Portanto, ela pode servir para crianças ouvintes porque ouvintes também se beneficiam da visualidade. Mas, podemos destacar que será acessível e prazerosa para as crianças surdas porque foi pensada a partir da lógica do pensamento surdo.

Outra característica visual são as imagens apresentadas de maneira clara, objetiva e atraente. Um material visual para surdos não pode ter poluição visual. Como verificamos em nossa revisão de literatura (p.21), as imagens são de grande potencial, mas não podem ser usadas sem critérios. Imagens em excesso e apresentadas de maneira errada podem atrapalhar. Em nosso material as cenas da história foram pensadas com essa preocupação como podemos verificar abaixo

⁷As expressões faciais constituem elemento constitutivo dos parâmetros não manuais da libras. Para mais informações consultar QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos. Porto Alegre. Artmed, 2004.

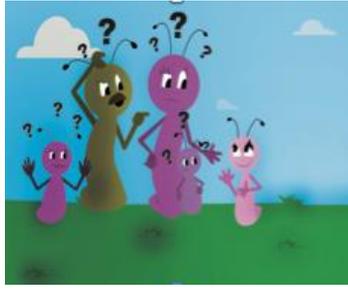


Figura nº56 - Família tenta entender.
Fonte: arquivo pessoal



Figura nº57 Ensinando em Libras.
Fonte: Arquivo pessoal

Podemos perceber nas figuras nº 57 e nº 58 que as cenas são claras, nítidas e dão destaque aos personagens da história. Essas informações são importantes para a compreensão das crianças surdas. No entanto, precisamos destacar que não estamos querendo dizer que as imagens devem ser simplificadas, mas sim que elas devem ser claras, nítidas e com foco nos elementos principais da narrativa.

A maneira e a ordem em que sinais e imagens aparecem também dizem respeito às informações importantes na didática de ensino para surdos. Durante a contação da história, podemos perceber, no vídeo, que primeiramente é apresentada a ilustração da cena da história sem a narração em Libras como mostramos abaixo:



Figura nº 58.. A Victoria estava encantada(Sem narradora)
Fonte: arquivo pessoal

Após ser dado um tempo, de 30 segundos, para que a criança observe

os elementos da cena, entra a imagem da narradora contando a história em Libras como podemos observar na próxima figura:



Figura nº 59 - A Victoria estava encantada (Com narradora)

Fonte: arquivo pessoal

Dessa maneira, a criança pode se beneficiar tanto das imagens quanto da narrativa em Libras. Outra possibilidade é a narradora interagir com as imagens como apoio para a sua narrativa. Por meio desse recurso, entendemos que as informações podem ser passadas de maneira lúdica, prazerosa e ao mesmo tempo organizada visualmente, potencializando o aprendizado. A respeito de uma aprendizagem acessível e prazerosa concordamos com Almeida, Santos e Lacerda (2014, p.34) ao afirmarem:

Para que os alunos surdos possam se apropriar integralmente dos conteúdos ministrados em sala de aula, é preciso respeitá-los em suas demandas linguísticas. Dessa maneira, torna-se necessário que esses alunos tenham acesso aos conteúdos escolares em Libras, tendo em vista que essa é a língua passível de aquisição e que pode melhor mediar a construção de novos conhecimentos. Isto se dá porque a língua de sinais, por utilizar o canal visogestual, é a única modalidade de linguagem plenamente acessível ao surdo, favorecendo seu desenvolvimento e auxiliando-o em sua constituição de sujeito. Assim, a língua de sinais deve ser incorporada às práticas pedagógicas para um desenvolvimento integral do aluno surdo, levando em conta a sua particularidade linguística e, portanto, o acesso à cultura do grupo no qual está inserido.

Portanto, o uso do vídeo com a contação da história em Libras tem a intenção de respeitar as necessidades linguísticas dos alunos surdos, ofertando-lhes acessibilidade aos conhecimentos e possibilitando que possam elaborar novos conhecimentos.

Ainda refletindo sobre o vídeo com a contação da história, como

informado anteriormente, o vídeo foi pensando em Libras e seu formato inicial continha, apenas, informações em Libras. No entanto, como este material pretende ser bilíngue, pensamos na importância de ser acessível também para as crianças ouvintes e decidimos inserir a contação da história com áudio. De acordo com as orientações das atuais políticas públicas inclusivas, muitos alunos surdos estão sendo matriculados em escolas regulares, em salas onde a maioria dos alunos é ouvinte. Não é nossa intenção refletir sobre as contradições impostas à essa organização escolar, mas pensamos que o material sendo bilíngue pode ser utilizado por crianças surdas e ouvintes ao mesmo tempo e que isso beneficia a ambos os grupos linguísticos. De acordo com Dorziat (2004)

Para que haja a inclusão social das pessoas surdas, com o objetivo de participação social efetivas, sem a inevitável submissão a que as minorias são expostas, as escolas precisam organizar-se, considerando três critérios: a interação através da língua de sinais, a valorização de conteúdos escolares e a relação conteúdo-cultura surda.

Refletindo sobre essa necessidade na educação inclusiva de alunos surdos, pensamos que este material bilíngue pode ser visto como um importante veículo para valorização da língua de sinais e da cultura surda no cotidiano escolar, além de possibilitar a participação de surdos e ouvintes com igualdade de oportunidades. Sendo assim, o áudio com a contação da história foi feito por uma profissional intérprete e tradutora de Libras e inserido no filme. No DVD, aparece a opção com áudio e sem áudio para que a pessoa possa escolher a opção mais confortável. Não optamos pelo uso de legenda em função do material ser destinado às crianças e pelo fato dessas, em sua maioria, não apresentarem habilidade de leitura rápida, em tempo suficiente, para acompanhar a história e as imagens apresentadas.

Outro recurso utilizado no vídeo foi o glossário. Considerando a necessidade de expansão do vocabulário em Libras e língua portuguesa, os glossários têm se configurado como importante recurso no ensino de surdos. De acordo com Favorito et al. (2014, p.8):

(...) enquanto a Libras vai ganhando terreno no universo escolar e acadêmico aumentam as demandas por itens lexicais nessa língua referentes aos diversos campos do conhecimento. Daí a crescente

produção de glossários e dicionários, caracterizada por um lado por demandas do próprio movimento de ampliação das oportunidades de escolaridade de aprendizes surdos instaurado pelas políticas governamentais e, por outro, por pressões dos movimentos sociais de surdos na luta pela legitimação da Libras como língua de instrução nos contextos de ensino, além da permanente luta por escolas bilíngues para surdos.

Nessa perspectiva, o glossário elaborado se configurou como uma demanda de nosso material, na intenção de contribuir para a ampliação do vocabulário utilizado na história, tanto em Libras como em Língua portuguesa. Abaixo podemos observar alguns exemplos:



Figura nº 60

Narradora fazendo
sinal Família.



Figura nº 61 Narradora

fazendo sinal escola.
Fonte: Arquivo pessoal

Podemos observar nas figuras 61, 62 e 63 que o glossário foi elaborado a partir de vocabulário presentes na história. Este recurso pode ser usado para a conceituação e aprendizagem tanto das Libras como da língua portuguesa. Por exemplo, um aluno surdo que domine Libras, mas esteja ampliando seu vocabulário em língua portuguesa escrita, pode utilizar o glossário e por meio do sinal que ele já conhece aprender a palavra em português. Um aluno que não conheça o sinal de caracol, ao usar o glossário, também pode aprender a sinalização e ainda associá-la à escrita em português.

O glossário pode se configurar como um importante recurso pedagógico bilíngue que, além de conferir autonomia ao aluno surdo, pode ampliar seu universo de vocabulário. Na elaboração do produto deste estudo, o glossário foi pensado também para uso conjunto com as cartelas de vocabulário. Assim, os alunos podem assistir à história, ver o glossário que é uma apresentação sistematizada do vocabulário e aplicar esse conhecimento nas atividades realizadas com as cartelas.

A confecção do livro de história aconteceu como uma consequência da criação da história e das imagens. A princípio, o objetivo era criar uma história infantil contada em Libras e registrada em vídeo. Como os desenhos e cenas já estavam criados, sequencialmente, para a confecção do vídeo, pensamos que seria interessante ampliar o produto para um livro. Assim, o livro foi criado privilegiando o uso de imagens e com texto em português escrito, como podemos visualizar abaixo.



Figura nº 62 imagem do Livro fechado. Fonte: arquivo

Figura nº 63 Imagem do livro Aberto. Fonte: arquivo

O livro foi criado com as mesmas imagens do vídeo e, portanto, mantém as mesmas características no que se refere ao uso de imagens. A narrativa em Língua portuguesa foi escrita reproduzindo a narrativa em Libras. Então, destacamos o fato da história ter sido criada em Libras por uma pessoa surda. A ordem e a lógica dos acontecimentos e da narrativa são compatíveis com a estrutura linguística das Libras. Em um segundo momento a história foi traduzida para o português ora em um terceiro momento a tradução foi feita para o português escrito.

Destacamos aqui o fato de termos três versões de narrativa, pois as línguas têm modalidades, características e recursos específicos. Por exemplo, quando a história foi narrada em Libras, percebemos variações importantes das expressões faciais e corporais, do posicionamento no espaço, na intensidade e tempo de sinalização, entre coisas. Na narrativa oral, ênfase é dada ao tom de voz, nas expressões orais que podem indicar tristeza, alegria, surpresa e outras emoções. A narrativa oral não foi traduzida

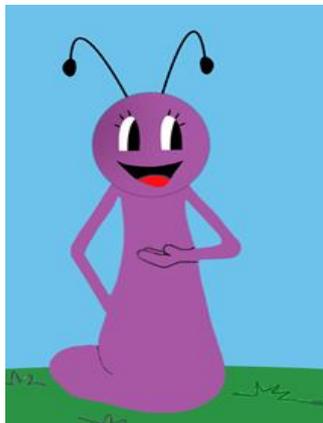
literalmente. Foi respeitado o conteúdo da história, mas com adaptações necessárias para transmitir a mensagem adequadamente. No caso da versão escrita, também foi feita uma tradução respeitando as características e necessidades da escrita. Foi dada atenção às palavras, na pontuação e outros detalhes que enriquecem a narrativa escrita.

Entendemos que um material bilíngue deve utilizar duas línguas, mas essas devem ser usadas de maneira que uma não interfira na estrutura da outra. Assim, o vídeo foi produzido todo em Libras e adicionou-se a narrativa oral. E o livro conta com imagens e frases em língua portuguesa.

Além do material em vídeo e em livro foram criados também materiais adicionais para potencializar o aprendizado da leitura e escrita. Assim, foram criadas cartelas com imagens, palavras e frases. Nossa intenção com esse material é que o professor possa trabalhar a narrativa em história em Libras, fazer a fixação do vocabulário com o glossário em Libras, também disponível no DVD e posteriormente usar as cartelas como mais uma maneira de explorar o vocabulário e desenvolver práticas de letramento escrito.

Como sugestão de atividades, podemos utilizar as cartelas com imagens e cartelas com palavras em várias atividades como podemos observar abaixo:

JOGO DA MEMÓRIA VISUAL



AMIGO



CARACOL

Figura nº 64 ...Proposta de jogo da memória com as cartelas. Fonte: Arquivo

- O professor poderá usar quantas cartelas achar adequado para o trabalho

DITADO VISUAL

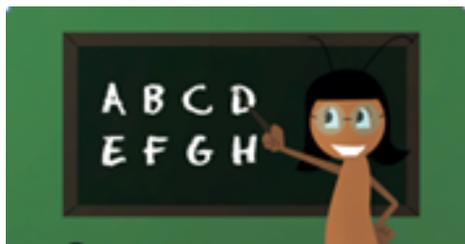
O Professor poderá colar as imagens no quadro e pedir para que os alunos escrevam as palavras.

Ditado visual:



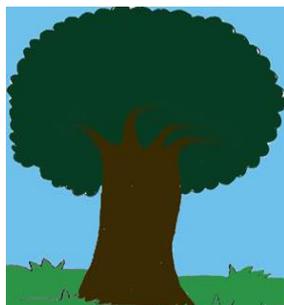
1-

MOCHILA



2-

PROFESSORA



3-

ÁRVORE



4 -

BORBOLETA

Assim, percebemos que o aluno surdo poderá adquirir esses conceitos no contexto da história contada em Libras, depois formalizar o uso do sinal e da escrita com o glossário em vídeo e continuar o trabalho de diversas maneiras com as cartelas de vocabulário. Essas duas atividades foram apenas exemplos, mas podemos considerar muitas outras possibilidades com o uso dessas imagens.

Além das cartelas de vocabulários (com uma palavra) temos também a possibilidade de trabalhar com cenas e frases.

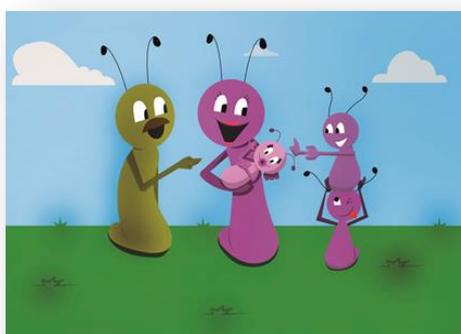


Figura nº66 Cartela com imagem.
Fonte: arquivo pessoal

A LAGARTA
SURDA NASCEU

Figura nº67 Cartela com frase. Fonte:
arquivo pessoal

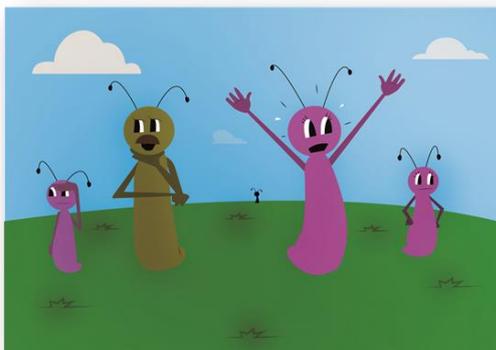


Figura nº68 - Cartela com imagem.
Fonte: arquivo pessoal

A FAMÍLIA
PERCEBEU QUE A
LAGARTA SUMIU

Figura nº69 Cartela com frase.
Fonte: arquivo pessoal

Com essas cartelas de imagens contendo cenas e frases, o professor poderá trabalhar a sequência da história, poderá explorar a leitura das frases e emparelhamento com imagens, além de escrita espontânea e muitas outras propostas. Com criatividade e o professor poderá utilizar de diversas maneiras

este material e proporcionar o aprendizado da língua portuguesa.

Abaixo podemos observar como ficou o produto final.



Figura nº70 imagem caixa aberta. Fonte: arquivo pessoal



Figura nº71 imagem caixa fechada. Fonte: arquivo pessoal

Nas imagens nº 72 e nº 73, podemos observar a apresentação final de nosso material. Optamos por organizá-lo em uma caixa de MDF para manter todo o material em um mesmo espaço, facilitando o uso e a organização do professor. Nossa caixa se configurou como um kit de material visual composto por livro de história, DVD em Libras e português e cartelas com imagens e escrita.

Assim, baseados nesse material, destacamos que nossa preocupação esteve não só no letramento por meio das Libras, mas também na aquisição da língua portuguesa escrita como segunda língua e como língua de acesso aos conhecimentos produzidos pela sociedade. Assim, Almeida, Santos e Lacerda (2014, p.36) afirmam:

Apesar de o aluno surdo apropriar-se dos saberes por meio da língua de sinais, que deve ser incorporada às práticas educacionais como direito linguístico, também é de seu direito a aprendizagem do português escrito, uma vez que as mediações simbólicas que regem as relações do homem com os conhecimentos adquiridos historicamente são efetivadas, em grande parte, pelo registro escrito. Assim, o não transitar proficientemente pela língua escrita inviabiliza o acesso a esses conhecimentos e os encontros com os diferentes discursos que aí circulam. O surdo, como um cidadão brasileiro, tem o direito de se apropriar da língua majoritária na modalidade escrita.

Baseados nesse direito de que os alunos surdos têm de se apropriar da língua portuguesa escrita, este material propõe o uso de recursos

didáticos visuais, compatíveis com as necessidades dos alunos surdos.

A leitura e a escrita são extremamente importantes em uma sociedade letrada como a nossa e nossos alunos surdos têm direito a participar dessas práticas de letramento.

Assim, entendemos que os materiais criados durante este estudo podem favorecer a educação de surdos porque se preocupam com fatores fundamentais na organização de uma aula para surdos. Durante a organização e elaboração desse material, foi possível observar e afirmar algumas características fundamentais para o ensino de crianças surdas;

1 – Todo o planejamento da aula foi pensado em Libras em uma perspectiva visual de acordo com a elaboração do pensamento surdo;

2- A história (narrativa) é contada em Libras;

3- O glossário com a fixação do vocabulário está em Libras e em português escrito com apoio de imagens.

4 – Os materiais didáticos de apoio têm ênfase na perspectiva visual

5 – As propostas de escrita da língua portuguesa partem de materiais visuais e por meio do diálogo em Libras.

Assim, consideramos que essas características atendem às orientações de pesquisadores e professores que atuam na educação de surdos e preconizam a educação em uma perspectiva bilíngue por meio de uma pedagogia visual.

5.0 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 Conclusões

Esta pesquisa se iniciou com a intenção de qualificar a educação de surdos na perspectiva da educação bilíngue. Com base nas minhas experiências como autora e mais tarde em confirmações por meio de pesquisas de outros autores como Quadros e Schimiedt (2006) e Guarinelo (2007) e outras literaturas da área, chegou-se a informação sobre a escassez de materiais e estratégias disponíveis para a utilização de professores no letramento de alunos surdos.

De acordo com Prado (2015, p.118): “pensar sobre as concepções de educação e organização da escola para alunos com deficiência e entre eles os surdos, significa pensar a escola como espaço de convivência democrática e de experiências de aprendizagens significativas”. No caso dos alunos surdos, essas experiências só poderão ser democráticas se os alunos tiverem acesso às informações, se os materiais utilizados forem adequados e se houver respeito à língua e à cultura surda.

Quando pensamos em letramento de surdos, precisamos considerar a necessidade que os alunos possuem de acesso a uma primeira língua que estimule o desenvolvimento cognitivo e a relação com o mundo. Como a maioria dos alunos surdos nasce em famílias de ouvintes, ficam impedidos de contato com uma língua natural. A Língua portuguesa oral utilizada pelas pessoas ouvintes não é acessível para os surdos e eles não a adquirem de maneira natural. Sem o contato e uso de uma língua natural, as crianças surdas encontram grandes obstáculos em seu desenvolvimento.

Em função de a família ouvinte não utilizar uma língua acessível para os surdos, a escola precisa se responsabilizar por essa aquisição, uma vez que ela é condição essencial para o desenvolvimento e aprendizado dos alunos surdos. No entanto, a maioria das escolas não está preparada para receber esses alunos, os professores não dominam a Libras e existem poucos materiais didáticos visuais adequados para fazer esse trabalho.

Quando pensamos em letramento de alunos surdos precisamos considerar que estes precisam ser letrados em Libras e em Língua portuguesa escrita, em que Libras deverá ser a primeira Língua e o português a segunda língua. No entanto, para o aprendizado de uma segunda língua as pessoas precisam utilizar uma língua natural, como primeira língua para estimular o pensamento. Por isso, a importância da criação de materiais bilíngues aos quais as crianças surdas tenham acesso

na sua própria língua de maneira prazerosa e significativa.

De acordo com Quadros e Schimiedt (2006, p.40-41):

A leitura precisa ser contextualizada. Os alunos que estão sendo alfabetizados em uma segunda língua precisam ter condições de “compreender” o texto. Isso significa que o professor vai precisar dar letramentos para seu aluno surdo chegar à compreensão. Provocar nos alunos o interesse pelo tema da leitura por meio de uma discussão prévia do assunto, ou de um estímulo visual sobre o mesmo, ou por meio de uma brincadeira ou atividade que os conduza ao tema pode facilitar a compreensão dos textos.

Dessa maneira, fez-se a opção pela pesquisa e produção de um material didático visual para estimular o letramento de alunos surdos de maneira que esses possam participar ativamente durante todo o processo e produzir conhecimentos.

Ao concluir esta pesquisa, percebemos que foi possível realizar um estudo bibliográfico consistente sobre a educação bilíngue de alunos surdos com ênfase no letramento visual e na valorização da literatura surda como importante referência para o ensino e aprendizado de alunos surdos. Por meio dos estudos bibliográficos, verificamos a centralidade dos aspectos visuais na educação de surdos, sobretudo, por meio do uso das Libras como primeira língua e do uso de imagens significativas durante o processo de ensino. Outro aspecto observado foi a importância de pensar e construir materiais e aulas para surdos, destacando que simples adaptações não atendem às necessidades dos alunos surdos. As adaptações, como verificado nesse estudo, demonstram que materiais criados para ouvintes e modificados para “tentar” atender aos alunos surdos não são adequados e não proporcionam aprendizagem significativa. Enquanto os materiais criados para surdos respeitam a lógica do pensamento em Libras e adquirem uma estrutura visual confortável e eficiente para o aprendizado desses alunos.

Outra possibilidade deste estudo foi à criação de materiais visuais adequados para alunos surdos. Na criação e filmagem da história foi dada ênfase na contação em língua de sinais como principal maneira de transmitir e contextualizar as informações para alunos surdos, além de

possibilitar o contato desses alunos com a literatura surda que é tão escassa em nosso país, como verificado em nossa pesquisa sobre os materiais existentes.

A construção do livro impresso e das cartelas com imagens, palavras e frases se configurou como uma alternativa interessante para o ensino do português escrito porque esses materiais são apresentados de maneira visual e em consonância com todo um trabalho realizado anteriormente em língua de sinais, acessível aos surdos.

Assim, entendemos que este estudo se configurou como um importante exercício para estudar o letramento de alunos surdos e ao mesmo tempo proporcionou a possibilidade de construir materiais visuais que podem favorecer e ampliar as possibilidades na educação de surdos.

5.2 Perspectivas

Como perspectivas futuras, penso que esta dissertação e as pesquisas teóricas aqui desenvolvidas possam servir de base e incentivo para que mais pesquisadores possam refletir sobre o letramento de alunos surdos em uma perspectiva de educação bilíngue e visual e que o material criado possa servir de exemplo para que outras iniciativas sejam encorajadas.

Meu desejo é que mais materiais visuais para surdos possam ser criados e divulgados para que nossos alunos surdos tenham oportunidades ampliadas e mais opções de uma educação lúdica, diversificada e cheia de histórias, de narrativas prazerosas, de incentivo ao sonho, à imaginação e às vivências que sirvam de base para a vida adulta com significado e pertencimento ao mundo em que vivem.

Como perspectiva futura também tem a intenção de apresentar esses materiais para publicação e comercialização por uma editora para que mais crianças surdas em todo o Brasil tenham acesso à literatura surda e despertem o desejo pela leitura e, quem sabe, até incentivar que as crianças surdas possam se tornar futuros escritores de literatura surda.

Eu, pedagoga surda, mãe de filhas surdas, desejo de verdade, que

nossas crianças surdas possam ter mais literatura surda em suas vidas. E que a literatura surda possa trazer mais fantasias, mais sonhos, mais imagens bonitas, mais ideias, mais saberes... Mais tantas coisas criativas e encantadoras para o universo surdo de nossas crianças.

Além disso, todas as experiências vividas no desenvolvimento desses produtos, os erros e acertos, servirão como experiência para encurtar o caminho na criação de tantas outras histórias que enchem minha cabeça de ideias e vontade de continuar criando histórias e materiais visuais para surdos. Assim, ao término deste curso de mestrado pretendo dar continuidade à criação de tantas outras histórias para engrandecer e incentivar a literatura surda em nosso país.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, D.L; SANTOS, G.F.D; LACERDA, C.B.F. O Ensino de Português para surdos como segunda língua: estratégias didáticas. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 3, p. 30-57, Set./Dez. 2015.

Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>

Acesso em: 27/09/2017

BOTELHO, P. Linguagem e letramento na educação de surdos – ideologias e práticas pedagógicas. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

CAMPELLO, A.R. Aspectos da Visualidade na Educação de surdos. Tese (Doutorado em Educação) UFSC, Santa Catarina, 2008

CADEMARTORI, Lígia. O que é literatura infantil? São Paulo: Brasiliense, 2010.(Coleção Primeiros Passos)

DORZIAT, A. Educação de surdos no ensino regular: inclusão ou segregação? Revista Educação Especial, nº 24, Santa Maria, 2004. Disponível em:

<http://coralx.ufsm.br/revce/index.htm> Acesso em: 28/07/2016

FAVORITO, W; MANDELBLATT, J.; FELIPE, T. A.; BAALBAKI, A. Processo de expansão lexical das Libras: estudos preliminares sobre a criação terminológica em um Curso de Pedagogia. In: LSI: Lengua de Señas e Interpretación, nº 3, p.89-102. Montevideu, 2012.

FRANTZ, M. H. Z. A literatura nas séries iniciais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GESUELI, A escrita como fenômeno visual In: LODI, HARRISON e CAMPOS.(orgs.) Leitura e escrita no contexto da diversidade. Porto Alegre: Mediação, 2015.

GIL, Antônio Carlos, 1946- Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

GIORDANI In: LODI, A. C. B; MELO, A. D. B; FERNANDES, E. (orgs.). Letramento, bilinguismo e educação de surdos. Porto Alegre, Mediação, 2012.

GÓES, A.M. e CAMPOS, M.L.I.L. Aspectos da gramática da Libras. In: LACERDA,C.B.F e SANTOS, L.F. dos. (org.) Tenho um aluno surdo. E agora? Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EDUFSCAR,2014.

GOLDFELD, M. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. São Paulo: Plexus, 2002.

GUARINELLO, A. C. O papel do outro na escrita de sujeitos surdos. São Paulo: Plexus, 2007.

KARNOPP e PEREIRA. In: LODI, A. C. B; MELO, A. D. B; FERNANDES, E. (orgs.). Letramento, bilinguismo e educação de surdos. Porto Alegre: Mediação, 2012.

KARNOPP,L.B. Literatura, Letramento e Práticas Educacionais - Grupo de Estudos e Subjetividade. OPEN ACCESS REPOSITORY - *ETD - Educação Temática Digital* 7 (2006), 2, pp. 98-109. Disponível em:

<http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0168-ssoar-101624Nutzungsbedingungen>

Acesso em 14/03/2016.

LAJOLO, M. Literatura: leitores e leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

LEBEDFF, T. B. Aprendendo a ler “com outros olhos”: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. Cadernos de Educação, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas [36]: 175 - 195, maio/agosto 2010

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1606/1489> Acesso em 24/08/2016

LODI, A.C.B; HARRISON K.M.P; CAMPOS, S.R.L de. **Letramento e Surdez:** Um olhar sobre as particularidades dentro do contexto educacional.In: LODI,A.C.B; HARRISON K.M.P; CAMPOS, S.R.L de; TESKE.O. Letramento e Minorias. Porto Alegre: Mediação, 2017.

PAIVA, S. C. F. e OLIVEIRA, A. A. A literatura Infantil no processo de formação do leitor. Cadernos da Pedagogia. São Carlos, Ano 4 v. 4 n. 7, p. 22-36, jan -jun. 2010. Disponível em:

<http://files.obeduc.webnode.com/2000000344f755506fd/a%20literatura%20infantil%20no%20processo%20de%20formacao%20do%20leitor.pdf>. Acesso em 23/08/2017.

PRADO, R. Direitos Humanos na Escolarização de alunos surdos: Educação para emancipação. In: AIDA E COSTA (orgs.) Educação Inclusiva e Direitos Humanos: Perspectivas Contemporâneas. São Paulo, Cortez, 2015

QUADROS, R. M. de. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre, Artmed, 2008.

QUADROS, R.M. de; SCHMIDT, M. L. P. Ideias para ensinar português para alunos surdos. Secretaria de Educação Especial, Ministério da Educação. Brasília, 2006.

MEIRELES, R. M. do P. L. Educação bilíngue de alunos surdos: experiências inclusivas na Escola Municipal Paulo Freire. Dissertação (Mestrado em Educação) UFF, Niterói, 2010

MEIRELES, R. M. do P. L. Políticas de Inclusão e Práticas Pedagógicas na Educação de Alunos Surdos: Programa de Bilinguismo de Niterói/RJ Tese (Doutorado em Educação) UFF, Niterói, 2014

MOURÃO, C.H.N. Literatura surda: Produções culturais de surdos em língua de sinais. Dissertação de Mestrado UFRGS, Rio Grande do Sul, 2011.

NERY, Clarisse Alabarce; BATISTA, Cecília Guarnieri. Imagens visuais como recursos pedagógicos na educação de uma adolescente surda: um estudo de caso. Paidéia, Ribeirão Preto, v. 14, n. 29, dez. 2004.

Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2004000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16/05/2017.

RIBEIRO e PEREIRA. A Divulgação e Consumo da Literatura Surda: Um mapeamento dos estudos acerca das produções literárias em Língua brasileira de sinais. Revista diálogos: linguagens em movimento. Ano III, N. I, jan.-jun., 2015.

ROSA, Fabiano Souto. LITERATURA SURDA: Criação e Produção de

Imagens e Textos. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.58-64, jun. 2006. Disponível em:
<http://wp.ufpel.edu.br/fabianosoutorosa/files/2012/04/1629-6197-1-PB.pdf> Acesso em: 22/05/2017

SKLIAR. A surdez: um olhar sobre as diferenças. (Org.) Porto Alegre, Mediação,2005.

_____. Atualidade da educação bilíngue para surdos. (Org.) Porto Alegre, Mediação,1999, volumes.

STELLING, STELLING, TORRES e CASTRO. Pais Ouvintes e filho surdo: dificuldades de comunicação e necessidade de orientação familiar. Espaço: Informativo Técnico Científico. Instituto Nacional de Educação de Surdos/INES, n.º 42, Rio de Janeiro, 2014.

Material on line /sites consultados

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1606/1489>

<http://wp.ufpel.edu.br/fabianosoutorosa/files/2012/04/1629-6197-1-PB.pdf>

<http://wp.ufpel.edu.br/fabianosoutorosa/files/2012/04/1629-6197-1-PB.pdf>

<https://www.google.com.br/search?q=escola+municipal+julia+cortines+entrã&h&tbs=rimq:>

http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/12_38_57_PESQUISA_ACAO_E_PARTICIPANTE.pdf

<http://incluirjuruti.blogspot.com.br/2012/10/jogo-da-memoria-dos-animais-em-libras.html>

<https://colegaslibras.wikispaces.com/JOGOS+DE+LIBRAS>

<https://escritadesinais.wordpress.com/2010/08/30/cinderela%C2%A0surda-e-rapunzel-surda/>

: <http://www.skoob.com.br/o-feijaozinho-surdo-203432ed227298.html>

http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLiteraturaVisual/assets/622/TextoBase_MLS_2011.pdf

<http://lojasurdosol.com.br/produto/livro-o-patinho-surdo/>

<http://alfabetizacaocefaproponteselacerda.blogspot.com.br/2012/12/historia-em-libras.html>

http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_metodologias_traduc_ao_marquesoliveira.pdf)

[:http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0168-ssoar-101624Nutzungsbedingungen](http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0168-ssoar-101624Nutzungsbedingungen)

7. APÊNDICES

7.1 História criada pela autora desse estudo

A poderosa borboleta surda

- 1- **1-Era uma vez, uma família de lagartas ouvintes. Um dia, nasceu uma linda lagartinha surda. Eles lhe deram o nome de Victoria. Victoria era muito esperta e atenta.**

- 2- **2-Mas, a lagartinha não conseguia se comunicar com a sua família.... As lagartas ouvintes conversavam e a lagartinha surda não entendia nada... Ficava triste, angustiada... Sempre separada porque não conseguia se comunicar**

- 3- **Chegou o dia de ir para a escola de lagartas. Mamãe arrumou a lagartinha, colocou uniforme, laços na cabeça e cadernos na mochila. Victoria não conhecia a escola, mas queria estudar junto com as irmãs. Na escola ela percebeu que todas as lagartas aprendiam a ler e a escrever, mas ela não entendia o que a professora falava. Ela ficou triste e desanimada.**

- 4 - **Victoria voltou para casa e tentou explicar para a família que não conseguia aprender nada na escola. Papai e mamãe não entendiam porque ela estava triste. Victoria sentia vontade de chorar.**

- 5 - **Ela pensou:
- Ninguém me entende! Não consigo me comunicar com minha família e nem com os colegas da escola! Não entendo a professora! Não aprendo a ler e a escrever... Acho que ninguém gosta de mim! Pegou sua mochila, colocou folhinhas para comer e saiu.**

- 6- **A família percebeu que Victoria tinha sumido. Todos ficaram muito preocupados. Mas, a lagarta já estava longe!**

7-Victoria estava triste e rastejou muito tempo... passou por muitas arvores, flores, galhos e animais pelo caminho! Viu caracóis carregando a casinha, sapos pulando pela mata, cobras nas árvores, coelhinhos apressados e tartarugas vagarosas...

8-Quando estava cansada de rastejar encostou-se em umas folhas para descansar e percebeu uma coisa diferente. Levantou e olhou com atenção... De repente, percebeu uma placa escrita “MUNDO BILÍNGUE”! Ela não entendeu o que estava escrito.

9 - Então, uma linda e grande borboleta chegou voando e sinalizou:

-Olá! Seja bem vinda ao mundo bilíngue! Venha comigo! Venha conhecer o nosso mundo!

Victoria envergonhada respondeu:

- Eu posso entrar?

-Claro que sim! Venha comigo!

10-9-Então, uma linda e grande borboleta chegou voando e sinalizou:

-Olá! Seja bem vinda ao mundo bilíngue! Venha comigo! Venha conhecer o nosso mundo!

Victoria envergonhada respondeu:

- Eu posso entrar?

-Claro que sim! Venha comigo!

11-A lagarta surda aprendeu sinais rápidos e com facilidade. Também ganhou o seu próprio sinal. O tempo foi passando e um dia ela percebeu que estavam crescendo asas! Ela aprendia e suas asas cresciam. Aprendeu muitas coisas! Suas asas ficaram enormes e com cores lindas! Agora, ela não precisava mais rastejar! Ela se sentia uma poderosa borboleta bilíngue!

12- Victoria pensou:

Preciso voltar para minha família! Preciso mostrar para eles que aprendi

língua de sinais, tenho asas e sei voar.

Victoria voou para casa de sua família. Chegando lá, a família de lagartas rastejava pelo chão a procura de insetos e folhas para comer. A borboleta surda chegou batendo aquelas lindas e grandes asas coloridas fez um bailado e pousou perto de sua família. Todos ficaram olhando admirados!

13-A família olhava com admiração e não sabia como se comunicar com ela. A borboleta Victoria fez um sinal para esperarem.

Pegou uma folha, um lápis e escreveu. Entregou para a família e todos levaram um susto!

- Nossa! Você sabe ler e escrever? Como você aprendeu?

Eu aprendi muitas coisas! Encontrei um mundo bilíngue e as borboletas me ensinaram a sinalizar, a ler e escrever. Minhas asas cresceram me senti segura. Agora, sou feliz!

14-Vocês também precisam aprender língua de sinais e criar asas. Vocês precisam fazer um curso de língua de sinais. Vamos? Eu mostro para vocês!

A família pensou e aceitou que Victoria estava certa. A família precisava aprender língua de sinais e ganhar asas.

15 - A família seguiu a borboleta surda e fizeram o curso de língua de sinais. As irmãs lagartas aprenderam rápido e logo foram ganhando asas. Papai e mamãe tiveram mais dificuldade, mas com esforço também ganharam asas... Logo, toda a família havia se transformado em borboletas bilíngues! A borboleta surda ficou admirada e feliz! Agora, podia se comunicar com a família. Também tinha amigos, escola e todos usavam sinais. E eles se tornaram uma linda família de borboletas a sinalizar e voar pelo mundo...

16 - 16-Desde aquele tempo todas as lagartas sabiam que podiam aprender e se transformar... As lagartas do mundo descobriram que não precisavam passar a vida rastejando. Com aprendizado elas podiam criar asas e voar longe!!!!

FIM!

